



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Cobertura política no Congresso Nacional: a cultura e as rotinas de cinco correspondentes de rádios regionais

Washington Luiz Motta Nascimento

Brasília - DF, dezembro de 2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Cobertura política no Congresso Nacional: a cultura e as rotinas de cinco correspondentes de rádios regionais

Washington Luiz Motta Nascimento

Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Comunicação como requisito parcial para obtenção de diploma no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Nelia Del Bianco

Brasília - DF, dezembro de 2014

Cobertura política no Congresso Nacional: a cultura e as rotinas de cinco correspondentes de rádios regionais

Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Comunicação como requisito parcial para obtenção de diploma no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Banca Examinadora

Prof. Dra. Nelia Del Bianco – Orientadora

Profa. Dra. Letícia Renault

Prof. Dr. Carlos Eduardo Esch

Brasília – DF, dezembro de 2014

AGRADECIMENTOS

Nada faria sentido sem as pessoas que Deus colocou em minha vida e me acompanharam até aqui. Desde que enfiei na cabeça a ideia de ser jornalista, contei com o apoio dos meus pais, Jannete e Luiz, que até hoje acreditam em mim e sonham tanto quanto eu. Tive a sorte também de contar com outras três mães: minha avó Dadá e minhas tias Aparecida e Didi, e com outro pai, meu avô Atratino, que sempre se preocuparam com a minha formação, sem medir esforços. Todos eles merecem mais que estes agradecimentos por fazerem o mesmo com os meus quatro irmãos, Anna Luiza, Ludimilla, Luizianne e Leandro. Esses me provocam os mais diversos sentimentos: saudade, orgulho, amor, e sempre me motivam a continuar.

Apesar de sempre ter estudado em escola pública, tive professores excelentes, que merecem o reconhecimento por prepararem tantos outros estudantes bonjesuenses. Uma dessas profissionais, Rosana Motta, merece um agradecimento especial pelo apoio e por ter me apresentado a Universidade Federal de Viçosa, onde comecei o curso e conheci pessoas inesquecíveis. Vanessa, Joelmo, Eder, Rafael, Marcelle, Erika e Miriam são amigos que vão ficar para sempre no meu cérebro e no meu coração. Ainda na cidade universitária, tive a oportunidade de conviver com Kátia Fraga, minha professora de rádio que acreditou em mim, e Bruno Torres, que me deu a primeira oportunidade na área.

Deixar um lugar tão aconchegante como Viçosa e tão próximo da minha família só não foi ruim porque em Brasília também pude fazer amizades capazes de me incentivar a continuar seguindo meus sonhos. Foi muito bom chegar à capital e ser recebido pelo Emerson, um exemplo de profissional e primeiro amigo em terras candangas. Outros colegas de república, Thiago e Rodolfo, também tiveram papel importante nessa caminhada. Na UnB, demorei a fazer amigos, mas não me arrependo de ter esperado por eles. Só de ter conhecido a Jéssica, a Jhésycka, a outra Jéssica e a menina Ingridy já valeu ter me mudado para Brasília. Tive mais certeza disso quando conheci e passei a ter a companhia da jovem Camila Curado.

Nesse período, aprendi muito com os professores da UFV, da UnB e com os profissionais do Correio Braziliense, CBN e O Globo, onde pude estagiar. Na reta final, ter a ajuda e a paciência da minha orientadora foi primordial para concluir o curso de forma satisfatória.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a mim. Sem meu egocentrismo e teimosia, muita coisa teria ficado para trás.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo identificar a cultura profissional e analisar as rotinas de produção de cinco correspondentes de rádios regionais que cobrem o Congresso Nacional. Trata-se de um estudo de newsmaking, que partiu do pressuposto de que esses jornalistas não se consideram apenas repórteres, mas também representantes dos ouvintes em Brasília. Utilizou-se o método da observação participante para acompanhar a rotina dos correspondentes durante uma semana e entrevistas semiestruturadas para identificar os processos produtivos e as peculiaridades da atividade. Também foram feitas análises qualitativas das matérias produzidas por esses correspondentes a fim de conhecer o estilo de cada um e entender como enquadram as notícias. Os resultados mostram os prós e os contras de ser um correspondente de rádio regional. Eles ainda permitem afirmar que esses cinco correspondentes compartilham de uma mesma visão sobre a profissão e têm uma cultura profissional própria, que os difere dos demais jornalistas que cobrem o Congresso.

Palavras-chave: Newsmaking, Jornalismo Político, Jornalismo Regional, Cultura Profissional, Radiojornalismo

ABSTRACT

This paper has the purpose of identifying the professional methods of five regional radio correspondents who cover the Nacional Congress. It will also analyse their routine of producing news. This is a newsmaking study, once it is based in the presupposition that these professionals not only consider themselves reporters, but also representatives of the Brasilia's audience. The participant observation method has been used to accompany these journalists routine during a week of work. Half-structured interviews were applied in order to distinguish their process of making news and the particularities of this activity. The stories written by the correspondents were counted through quantitative analysis in order to recognise how each journalist work particularly and understand how do they face the newsmaking. The results of this paper demonstrate the pros and cons of being a radio regional correspondent. They also show that these five journalists share the same opinion about the profession itself, but each one of them has a specific way of working, which differences them from other reporters who also cover the National Congress.

Key-words: Newsmaking, Political Journalism, Regional Journalism, Professional Culture, Radiojournalism

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Cynthia Ribeiro é a correspondente que trabalha há mais tempo para a <i>Tupi</i> , em Brasília.....	35
Figura 2. Logo da <i>Tupi</i>	36
Figura 3. Correspondente da <i>Jovem Pan AM</i> , José Maria Trindade também faz comentários na Rede Vida	37
Figura 4. Logo da <i>Jovem Pan</i>	38
Figura 5. Gabriela Speziali, correspondente da <i>Itatiaia</i> desde 2007	39
Figura 6. Logo da <i>Itatiaia</i>	40
Figura 7. Romoaldo de Souza, correspondente da <i>Rádio Jornal</i> , é também professor.....	41
Figura 8. Logo da <i>Rádio Jornal</i>	42
Figura 9. Renata Colombo, correspondente da <i>Gaúcha</i>	43
Figura 10. Logo da <i>Gaúcha</i>	44

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.2 Justificativa.....	12
2. METODOLOGIA.....	14
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
3.1 Newsmaking.....	17
3.1.1 Critérios de noticiabilidade e valores/notícia.....	19
3.1.2 Rotinas de produção.....	22
3.1.3 As fontes e as agências.....	23
3.1.4 A edição e apresentação das notícias.....	24
3.2 Jornalismo em Rádio.....	25
3.3 Jornalismo Regional.....	29
3.4 Jornalismo Político.....	30
4. O CONGRESSO, OS REPÓRTERES E AS RÁDIOS.....	32
4.1 Comitê de Imprensa.....	33
4.2 Rádio Tupi.....	34
4.3 Jovem Pan AM.....	36
4.4 Itatiaia.....	39
4.5 Rádio Jornal.....	41
4.6 Rádio Gaúcha.....	42
5. A COBERTURA DO CONGRESSO NACIONAL.....	45
5.1.1 A busca pelas notícias.....	45
5.1.2 Jornalistas e políticos: o relacionamento com as fontes.....	50
5.1.3 Quem eles pensam que são.....	52
5.1.4 De Brasília para o Brasil e o mundo: a apresentação das notícias.....	55
6 CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66
ANEXOS.....	70

1. INTRODUÇÃO

Com microfones e gravadores bem identificados, um grupo de cinco repórteres chama atenção no dia a dia do Congresso Nacional. Até quem não é jornalista e não frequenta tal lugar pode vê-los com determinada frequência, na televisão, quando a logomarca das emissoras para as quais trabalham aparece durante a fala de um entrevistado. São jornalistas das seguintes rádios: *Tupi*, do Rio de Janeiro; *Jovem Pan*, de São Paulo; *Itatiaia*, de Belo Horizonte; *Rádio Jornal*, de Pernambuco e *Gaúcha*, do Rio Grande do Sul, cujas sedes estão fora do Distrito Federal. Sem contar com a estrutura de uma sucursal em Brasília, esses correspondentes precisam se esforçar para cobrir a política nacional.

Em um ambiente diferente das redações, onde jornalistas de veículos concorrentes dividem o mesmo espaço, estão mais próximos das fontes e dos assessores, esse grupo de repórteres de rádio e os demais profissionais que buscam a notícia no Congresso Nacional têm uma rotina que exige comportamentos e atitudes diferentes de outros repórteres que cobrem outras áreas.

Franklin Martins (2005), que atuou na cobertura política para jornais como *O Globo* e *Jornal do Brasil*, destaca que o trabalho na Câmara dos Deputados e no Senado exige, em primeiro lugar, que o repórter converse com muita gente e reúna sempre mais informações do que precisa. Ele ressalta que o jornalista tem que ser perspicaz para perceber os interesses por trás dos discursos e a personalidade dos principais políticos. É preciso também identificar os momentos de mudança no Congresso e desconfiar de tudo que é óbvio demais.

Ainda de acordo com Martins (2005, p.86), ler jornais, conversar com os colegas, formar a própria opinião para os assuntos que são cobertos, conhecer as regras do jogo e estudar a história da política recente são outros atributos que o bom jornalista político deve ter.

O que Martins destaca serve de orientação para qualquer jornalista que queira se aventurar pela cobertura do Congresso, dos Ministérios, do Palácio do Planalto e tudo o que envolva a editoria de política. Porém, isso não se trata de uma fórmula fechada. Cada repórter tem um perfil e necessidades específicas, e precisa adaptar e até mesmo acrescentar outros elementos que possam ser úteis para desenvolver o trabalho de forma satisfatória e eficiente.

São essas peculiaridades que serão estudadas neste trabalho. Tendo como objeto a rotina de cinco repórteres das rádios regionais citadas, pretende-se esclarecer como eles selecionam e apresentam as notícias do Congresso para emissoras que não possuem uma

cobertura nacional. Busca-se, assim, identificar a cultura profissional desse grupo, as etapas do trabalho jornalístico de um repórter de rádio, as dificuldades e facilidades que encontram na cobertura política.

Enfim, trata-se de um estudo de newsmaking que, de acordo com Wolf (2008, p.181), foca as atenções na sociologia dos emissores, de quem produz a informação, ou seja, pretende-se saber quem são esses jornalistas, como fazem o seu trabalho, como selecionam as notícias, como enquadram a informação.

Para atingir esse propósito, partiu-se da premissa de que tais repórteres acreditam ser verdadeiros “porta-vozes”, em Brasília, do público que se encontra nos seus estados. São mais que profissionais da comunicação e pensam ser representantes de quem os ouve. Isso porque noticiar o que ocorre no Congresso para o ouvinte de uma rádio regional é diferente de noticiar os acontecimentos deste mesmo local para uma rádio que tem uma rede nacional e produz programas e radiojornais para serem escutados por ouvintes de todo o país.

Por esse motivo, ficam de fora desta monografia o trabalho de repórteres de rádios como a *CBN* e a *Band News FM*, que, como analisa a editora-chefe da rádio Itatiaia, Maria Cláudia Santos (2010), apesar de contarem com produções locais em diversas capitais, inclusive em Brasília, elas estão enquadradas dentro de um padrão nacional e tendem a não desenvolver laços fortes com as cidades onde estão as sucursais.

É preciso, então, levar em consideração o estilo, a característica de cada veículo, a fim de se compreender as rotinas de produção na Câmara e no Senado. Embora todas as cinco emissoras de rádio citadas dediquem boa parte da programação ao jornalismo, elas também oferecem ao público programas de entretenimento, como a “Turma do Bolota”, na *Itatiaia*, o “Gaúcha Atualidade”, na *Gaúcha*, o “Morning Show”, na *Jovem Pan*, o “Debate” na *Rádio Jornal* e o *Companhia do Riso*, da *Tupi*, que mesclam informação com humor, participação do ouvinte e até música.

Para entender como esses correspondentes trabalham com o jornalismo diário, é necessário acompanhar as rotinas de produção e conhecer a linha editorial de cada rádio. A análise das pautas e da forma que são veiculadas as notícias podem mostrar como as emissoras regionais, de diferentes estados, lidam com a política nacional.

1.2 Justificativa

Este estudo partiu da curiosidade de entender as particularidades do trabalho de um repórter de rádio que atua como correspondente em Brasília. É um questionamento que me acompanha desde criança, quando escutava a rádio *Itatiaia* e ficava a imaginar como seria a vida da repórter que sempre noticiava os assuntos diretamente da capital federal. Além dessa emissora, costumava ouvir outras em Amplitude Modulada (AM), que só conseguia sintonizar durante a noite até o início da manhã. Muitas delas contavam com correspondentes no Distrito Federal, o que despertava ainda mais o interesse.

Depois, um pouco mais velho, tive a oportunidade de me aproximar dessa realidade devido ao curso e aos estágios que realizei durante os anos da graduação. Como estudante de jornalismo, passei a gostar ainda mais do rádio e reascendi a vontade de conhecer melhor o mundo desses repórteres.

Para além das motivações pessoais, o tema pode ser considerado relevante para o universo jornalístico, uma vez que se pretende relatar como é a rotina de quem cobre um dos assuntos que está sempre em destaque nos meios de comunicação de massa: a política. O trabalho pode auxiliar no entendimento do que é chamado hoje de jornalismo político, ao tratar o tema sob a perspectiva de quem o faz.

O estudo e a compreensão desse processo contribuem tanto para a formação teórica quanto prática de um estudante de jornalismo. Além disso, o trabalho dos repórteres que atuam na editoria de política é um exercício importante por prestar um serviço ao público, de interesse público, sem a necessidade de fazer propaganda para o governo. Para entender e definir o que é interesse público, recorro aos estudos do professor Luiz Martins (2006, p.63), que ao trabalhar o jornalismo como uma atividade investigativa e de denúncia, apresenta que o jornalismo político está na categoria que produz, promove e divulga informações de utilidade pública, ligadas a economia e a sociedade.

Os profissionais a serem estudados trabalham em veículos de comunicação regionais que alcançam audiências expressivas nos estados onde estão sediados e chegam a ser reconhecidos nacionalmente.

Em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, a rádio *Itatiaia* é a emissora mais ouvida. Dados divulgados pelo Ibope em junho de 2014 mostram que a rádio tem 113 mil ouvintes por minuto. Dois meses antes, o instituto revelou que, no Rio Grande do Sul, a rádio *Gaúcha*

tem a terceira maior audiência em Porto Alegre e é a única entre as mais ouvidas que destina boa parte da programação ao jornalismo.

Com uma média de 180 mil ouvintes por minuto, a *Super Rádio Tupi* do Rio de Janeiro é a mais ouvida da capital carioca no seguimento popular, e a quarta mais ouvida entre todas as rádios da cidade. Em Pernambuco, a *Rádio Jornal* é líder segundo o Ibope. De acordo com dados de pesquisa encomendadas pelo veículo, em um minuto, 54 mil pessoas estão sintonizadas na rádio, o que a torna a mais ouvida do estado.

Entre as cinco emissoras que serão analisadas, apenas a rádio *Jovem Pan AM* não aparece nas três primeiras colocações no estado onde está sediada. O levantamento realizado pelo instituto revela que a emissora está em quarto lugar entre as AMs. Diferente das outras rádios, a paulista não tem dial na Frequência Modulada (FM) e, ao contrário das principais concorrentes no estado, não está associada a nenhum outro grande veículo de comunicação (como a *Rádio Globo*, das Organizações Globo, e a *Rádio Bandeirantes*, do Grupo Bandeirantes). Apesar disso, analisar a rotina de um repórter da *Jovem Pan AM* no Congresso Nacional é justificado pelo fato da rádio ser bem próxima do público paulista, com uma programação voltada para a cidade e ter um estilo que se aproxima do all news, com poucos programas de entretenimento. Além disso, a emissora vem reformulando a programação, ganhando mais agilidade, para ficar em sintonia com os ouvintes mais jovens.

A escolha dos jornalistas Cynthia Ribeiro, Gabriela Speziali, José Maria Trindade, Romoaldo de Souza e Renata Colombo se deu pelo fato de serem os repórteres que estão há mais tempo em Brasília cobrindo política para as suas respectivas rádios. Dessa forma, eles poderão contribuir com mais detalhes, devido à experiência, para o entendimento de como o trabalho é produzido. No caso da *Itatiaia*, a repórter veterana em Brasília (desde 1986) é a jornalista Aparecida Ferreira. Porém, durante a pesquisa ela estava licenciada por motivos de saúde. Investigou-se, então, a rotina da outra repórter da emissora que está há seis anos cobrindo o Congresso para a rádio.

2. METODOLOGIA

Encontrar respostas para explicar quem são e como trabalham esses correspondentes, exigiu, primeiramente, conhecer a dinâmica da cobertura no Congresso Nacional. Para isso, passou-se uma semana no Comitê de Imprensa do Senado com a finalidade de observar e compreender o ambiente em que as notícias são produzidas. Essa etapa da pesquisa foi facilitada, pois, de certa maneira, também fazia parte do grupo analisado, uma vez que as atividades que realizava durante meu estágio no jornal *O Globo* implicava estar presente no mesmo espaço que os repórteres em questão. Esse método, em que se participa ou se observa ativamente um grupo, é chamado de observação participante. É a técnica pela qual se chega ao conhecimento de um grupo a partir do interior dele mesmo (Gil, 2012). No caso em questão, a presença do pesquisador foi revelada e ele pertence à mesma comunidade do grupo que investiga. Trata-se, então, de uma observação participante natural.

O papel exercido pelo pesquisador foi baseado nas definições de Peruzzo, que ressalta:

o pesquisador se insere no grupo pesquisado, participando de todas as suas atividades, ou seja, ele acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação. Porém, o investigador não “se confunde”, ou não se deixa passar por membro do grupo. Seu papel é o de observador. (PERUZZO, 2012, p.134)

Entre as vantagens do método está a de facilitar o acesso a dados sobre as situações habituais dos membros e esclarecer o comportamento dos observados (Gil, 2012). É um método também bastante utilizado para os estudos de newsmaking, que, como Wolf (2008) afirma, é comum a todas as análises dessa abordagem.

As observações começaram no dia 20 de agosto de 2014, uma quarta-feira, e terminaram no dia 26 de agosto, terça-feira. Assim, pôde-se presenciar como é o trabalho nos cinco dias da semana em que o Congresso funciona. Porém, por causa das eleições, o Senado e a Câmara estavam no chamado “recesso branco”, com presença baixa de parlamentares e com apenas quatro dias de votação entre agosto e outubro. Isso dificultou que se estudasse com mais tempo cada um desses jornalistas. Dessa forma, tornou-se necessário acompanhar também, de forma conjunta, o trabalho deles durante o esforço concentrado, nos dias 2 e 3 de setembro, quando deputados e senadores compareceram ao Congresso para votar alguns assuntos e liberar a pauta. Nessas datas, estaria mais próximo da realidade que eles vivem em dias típicos. Os fatos que mais chamaram a atenção foram relatados em forma de diário.

O interesse nessa fase foi observar como escolhem as pautas, o relacionamento entre eles, com os colegas de outros veículos, com as fontes. Tentou-se identificar como os critérios de noticiabilidade são aplicados pelos repórteres, como as pautas surgem e como apresentam aquilo que produzem.

Junto com a observação, durante uma semana, também foi analisada uma matéria por dia de cada repórter. A análise teve um caráter qualitativo, a fim de identificar os critérios de noticiabilidade e o estilo de cada jornalista. Os áudios ouvidos foram transcritos e estão em anexo.

Não sendo possível observar de forma detalhada a rotina de cada um dos cinco jornalistas, utilizou-se o método da entrevista para completar e sustentar as análises e descobrir o que pensam e quais as dificuldades esses repórteres encontram durante as coberturas do Congresso. A forma escolhida foi a da entrevista semiestruturada, que parte de um roteiro prévio de questionamentos e permite ao entrevistador adequar as suas perguntas conforme a situação em que se encontra com o entrevistado. Nela, “a lista de questões tem origem no problema da pesquisa e busca tratar da amplitude do tema, apresentando cada pergunta da forma mais aberta possível” (DUARTE, 2012, p.66). A cada pergunta feita, se explorava o máximo a resposta do entrevistado, transformando as questões gerais em específicas.

A entrevista permite criar uma estrutura para comparação de respostas e articulação de resultados e é útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou se esteve envolvido (Duarte, 2012).

Foi elaborado um roteiro prévio, disponível em anexo, com perguntas que visavam entender, principalmente, como eram definidas as pautas que eles iriam produzir. Com base nos estudos de Wolf (2008) sobre os critérios de noticiabilidade, cultura profissional e rotinas de produção, procurou-se direcionar as questões para entender quais critérios eram utilizados por esses profissionais (importância, interesse, concorrência, características do meio, público) para escolher, redigir e apresentar as notícias. Também se procurou saber como se dava as relações deles com os chefes que ficam na sede das emissoras.

Outro ponto abordado foi o da relação desses repórteres de rádio com os colegas de outros veículos. É visível a diferença do trabalho deles e dos jornalistas de imprensa, por exemplo. Essas diferenciações na forma de produzir podem acarretar em dificuldades para

ambos os lados durante uma cobertura. Tendo isso em vista, tentou-se questioná-los sobre normas que seguem para manter um bom relacionamento com os colegas e ter o trabalho reconhecido por outros jornalistas e pelo público.

Se a relação com os outros repórteres implica alguns cuidados, a com as fontes exige um grau de cautela ainda maior. Sempre rodeados de políticos com interesse em ganhar visibilidade na mídia, os repórteres precisam saber manter o distanciamento e não ter uma relação promíscua com os informantes. Soma-se a isso a possibilidade de serem orientados a priorizar as fontes que têm informações relevantes para os estados onde estão as suas emissoras. Esse contexto também foi abordado na entrevista.

Por fim, as perguntas questionavam a forma com que apresentavam as notícias. O público é lembrado neste momento? Sabendo que nenhuma das cinco rádios tem uma programação all news, o que é levado em consideração para fazer uma entrada ao vivo?

Todas as respostas foram confrontadas com as observações feitas e com o material analisado durante uma semana. Com isso, pode-se relatar com mais precisão as realidades que cada um desses repórteres enfrenta para realizar os seus trabalhos.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Newsmaking

Entre as Teorias da Comunicação, Wolf (2008, p.181) destaca que há dois eixos que podem classificar as pesquisas na área: a) pesquisas que estudam os efeitos dos meios sob a audiência; e b) aquelas que analisam como estão estruturados e organizados os emissores.

Os estudos que analisam os emissores seguem as abordagens que já se tornaram clássicas: a agenda setting, newsmaking e espiral do silêncio (Hohlfeldt, 2001). A abordagem do newsmaking, que interessa a este trabalho, tem a intenção de entender como as notícias são produzidas, por quais razões elas são como são. Wolf (2008) explica que ela se articula principalmente pela cultura profissional dos jornalistas e pela a organização do trabalho e dos processos de produção. Por meio desses dois âmbitos é possível compreender a rotina dos jornalistas e, conseqüentemente, como fazem as notícias.

Têm-se, assim, de um lado, a cultura profissional, que cria uma retórica para demonstrar a importância do fazer jornalístico, e de outro às restrições ligadas à organização do trabalho, onde estão inclusas as convenções profissionais que determinam a definição de notícia, legitimam o processo de produção e contribuem para prevenir críticas do público (MASSIERER, 2007).

Considerada como o Quarto Poder, a profissão de jornalista é cercada de imagens que, na maioria das vezes, glamourizam quem trabalha como repórter. Os papéis atribuídos a essa carreira são compartilhados pelo público e pelos próprios jornalistas. Formam-se valores, normas e símbolos que podem ser definidos como a cultura profissional de um grupo, como afirma Greenwood (1957 apud Traquina, 2005).

São valores sociais, suas crenças básicas, as premissas sobre as quais se baseiam a existência da profissão. No caso dos jornalistas, trata-se da maneira própria que eles têm de agir, suas maneiras de falar e as maneiras de ver o mundo. A forma como enxergam a profissão pode influenciar diretamente nos critérios de noticiabilidade (TRAQUINA 2005).

Traquina (2005) destaca pontos relevantes dessa cultura profissional. Para esse estudioso, os jornalistas são vistos e agem como servidores do público, que protegem os cidadãos contra os abusos do poder. Visto como alguém que não tem partido político, o jornalista serve a verdade e está do lado dos cidadãos.

Há também os jornalistas que cumprem o serviço em uma dedicação total à profissão e que, como consequência, acabam tendo problemas de saúde e pessoais. Nesses casos, o jornalismo deixa de ser um trabalho e é visto como uma vida.

Ainda de acordo com Traquina (2005), a cultura profissional do jornalista é caracterizada pelo fato de haver um compromisso total com a profissão, mesmo correndo perigo de vida. É a cultura do furo, de conseguir uma informação com exclusividade. Os jornalistas procuram colocar a profissão como a melhor do mundo, e o jornalista como um herói.

Um dos trabalhos que contribui para compreender essa cultura profissional foi feito pela jornalista Isabel Travancas. Baseada na ideia de que os jornalistas têm um mundo, uma maneira de ver e entender as coisas, Travancas (1993, p.104) conclui que “os jornalistas seriam aparentemente portadores de uma ideologia individualista [...] tentando a todo custo, e usando a profissão como instrumento, ocupar um lugar destacado na sociedade”.

Em resumo, segundo Travancas (1993), a cultura profissional do jornalista se baseia em ter uma boa imagem tanto entre os colegas quanto entre o público para que sejam valorizados, tenham credibilidade e consigam se manter na profissão.

Outros fatores que influenciam na formação da imagem do profissional são as restrições que a organização jornalística impõe aos repórteres. Breed (1999) demonstra em seus estudos que os constrangimentos resultantes da organização das redações influenciam diretamente no trabalho dos jornalistas, que se conforma mais com as normas editoriais da empresa e deixam de lado as suas crenças pessoais.

Para Breed (1999, p.157) “o medo de sanções, mais do que a sua invocação, é uma das razões que levam ao conformismo”, ou seja, o repórter evita conflitos para ter uma boa imagem com os chefes, não ser punido e conseguir as aspirações que deseja. Apesar de todas as restrições, o excesso de trabalho e as regras que precisam seguir, os jornalistas costumam ter prazer pela atividade, isso porque “estão próximos das grandes decisões, sem terem que tomar; tocam no poder sem serem responsáveis pela sua prática” (BREED, 1999, p.159).

A junção desses dois fatores, cultura profissional e organização do trabalho, é usada como norte para definir o que será noticiado ou não pelos veículos. Por eles, “determina-se um conjunto de critérios de relevância, que definem a noticiabilidade (newsworthines) de cada evento, ou seja, situa a “aptidão” para ser transformado em notícia” (WOLF, 2008, p.195).

Tendo em vista esses motivos, os estudos sobre newsmaking consideram que os jornalistas seguem uma rotina determinada pelas limitações profissionais, pela linha editorial do veículo para o qual trabalham, pelo entendimento do que possui valor como notícia e pelo espaço que é concedido para as matérias que produzem. Esses fatores implicam a criação de critérios de noticiabilidade que facilitam a atividade jornalística.

A noticiabilidade surge para atender as necessidades organizacionais, para facilitar e orientar na produção da matéria-prima, que é a notícia. De acordo com Wolf (2008, p.196), ela “é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos - do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas -, para adquirir a existência pública de notícia.”

Tudo que não responde a esses requisitos não é “selecionado”, uma vez que não se mostra adequado às rotinas de produção a aos cânones da cultura profissional.

3.1.1 Critérios de noticiabilidade e valores/notícia

Nem tudo que ocorre durante um dia pode ser noticiado por um veículo de comunicação. Mesmo que isso fosse possível, não são todos acontecimentos que têm valor/notícia, o interesse da empresa e do público. Os métodos utilizados para definir o que tem potencial para se tornar uma notícia e ser publicado “corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias” (WOLF, 2008, p.196).

Partindo desse entendimento, autores como Traquina (2005) e Wolf (2008) estudam os valores/notícias empregados com mais frequência pelos jornalistas durante as rotinas de produção. Tais valores são divididos por Wolf (2008) em cinco categorias. A primeira delas é substantiva, que leva em conta o interesse, a importância de um fato. Em seguida, são considerados os critérios relativos ao produto, ao formato da notícia que será produzida. Também são observados os critérios relativos ao meio de comunicação em que a informação será propagada, o público e os concorrentes.

Em relação aos critérios substantivos, apenas dizer que uma notícia é selecionada porque é importante não é suficiente. Por isso, Wolf (2008) explica quais fatores determinam

o que faz um fato se tornar importante, na maioria das vezes, para os jornalistas. O primeiro deles considera o grau e o nível hierárquico dos envolvidos no acontecimento. O grau de poder institucional, a relevância de outras hierarquias, a capacidade de ser reconhecida fora do grupo de poder em questão e o peso desses atores tornam, ou não, o fato passível de ser publicado pelos veículos de comunicação.

O impacto sobre a nação de um acontecimento também é considerado no processo de escolhas de notícias. De acordo com Wolf (2008), a potencialidade de um acontecimento influenciar diretamente sobre os interesses do país é determinante para a escolha das notícias. Aquilo que pode ter proximidade com o público, que pode afetar diretamente a vida das pessoas, como mudanças no trânsito, novas tarifas do transporte público, leis que alteram as relações trabalhistas, as regras dos planos de saúde e medidas relacionadas à educação, por exemplo, são assuntos que alteram as dinâmicas da população e, por isso, acabam merecendo espaço nos noticiários.

Outro fator que determina a importância é a quantidade de pessoas que o acontecimento envolve. Wolf (2008) mostra que quanto maior o número de envolvidos ou atingidos por um fato, maior a possibilidade de ele ser noticiado.

Há uma principal diferença entre os dois critérios substantivos de seleção das notícias: “enquanto as notícias consideradas importantes são, num certo sentido, selecionadas ‘obrigatoriamente’, o elemento do interesse dá lugar a uma avaliação mais heterogênea, mais aberta às opiniões subjetivas, menos vinculadora para todos” (WOLF, 2008, p.213). Isso demonstra que os critérios de interesse envolvem muito mais aquilo que os jornalistas pensam que será atraente para o público. É nesse quesito que o entretenimento acaba se misturando com o jornalismo. Passa-se a dar espaço para assuntos engraçados, curiosos, descontraídos, que podem servir mais para se divertir do que para se informar.

Depois de observar os critérios substantivos, partimos para os critérios relativos ao próprio produto, ou seja, a forma que a notícia será publicada. Cada meio de comunicação tem suas exigências e necessidades para veicular os assuntos. Em uma emissora de televisão ou de rádio, por exemplo, é necessário que a fonte, o entrevistado, aceite ser gravado, que sua imagem ou voz apareça. A televisão preza pelas imagens, o rádio pelas sonoras. Em um jornal impresso ou texto para site, esses fatores podem deixar de ser tão relevantes. É preciso apenas que a pessoa fale, a matéria pode ser ilustrada de outra forma.

Tem-se ainda a preocupação com o espaço que a notícia irá ocupar,

a necessidade de não superar um certo comprimento de notícias (especialmente de radiotelevisivas) é funcional para a disponibilidade de muito material noticiável, o que, por sua vez, é funcional para a escolha mais ampla possível e, portanto, a mais representativa dos eventos importantes daquele dia (dentro dos limites relativamente rígidos do formato dos noticiários). (WOLF, 2008, p.215)

A novidade também influencia na decisão dos jornalistas. Tanto Traquina (2005), quanto Wolf (2008) concordam que o que há de novo é uma questão fundamental para as empresas jornalísticas. Se uma notícia é repetitiva ou semelhante a outras, acaba não sendo considerada suficientemente relevante para ser publicada. Porém, cabe destacar que “o valor/notícia importância é prioritário e, por conseguinte, permite coberturas informativas constantes e repetidas dos assuntos, temas e personagens que lhe sejam pertinentes” (WOLF, 2008, p.217), como acontece muitas vezes na cobertura do Congresso Nacional, em que determinados políticos aparecem com bastante frequência.

Para equilibrar o noticiário, os editores buscam por notícias que não soem repetitivas para o público. É preciso evitar que os fatos do Congresso ocupem boa parte do produto final, por exemplo, e balancear os assuntos noticiados. Procura-se oferecer acontecimentos variados, que deixem a impressão de que tudo de mais relevante que aconteceu em um dia foi noticiado.

Cada produto dos meios de comunicação considera um período de tempo para definir as suas notícias. Um jornal que vai ao ar ao meio dia em uma rádio deverá priorizar mais pelos fatos que ocorreram naquela manhã do que pelo ocorreu na tarde anterior. Uma revista que chega às bancas ao sábado vai repercutir os temas da semana e não o que foi destaque apenas na sexta-feira. Wolf (2008) classifica isso como “frequência” e afirma que é um dos fatores mais determinantes para os critérios relativos ao meio e formato, pois

[...] refere-se aos limites de espaço e de tempo que caracterizam o produto informativo. Do ponto de vista da seleção dos eventos noticiáveis, esse critério de relevância facilita e agiliza a escolha, visto que impõe uma espécie de pré-seleção antes ainda que sejam aplicados outros valores/notícia. (WOLF, 2008, p.228)

Por fim, os jornalistas também se preocupam com o público e a concorrência na hora aplicar os valores/notícia. O conhecimento que eles têm do ouvinte, do leitor ou do telespectador, os orienta em busca de assuntos que agradem e cativem a audiência. Para conseguir isso, muitas vezes é necessário o furo, a novidade, para demonstrar que se é o veículo a dar primeiro as principais notícias. Ao fazer isso, os profissionais da notícia já estão utilizando critérios relativos à concorrência. Outra tendência desse âmbito “consiste no fato de que a competição gera expectativas recíprocas, no sentido de que pode acontecer de uma

notícia ser selecionada por se esperar que os meios de comunicação concorrentes também o façam” (WOLF, 2008, p.224).

A partir desses valores/notícia, os jornalistas criam as suas rotinas de produção. No dia a dia, porém, nem todos os critérios aqui apresentados são utilizados ou pensados concomitantemente. O uso deles varia e, muitas vezes, é feito de forma automática, como destaca o próprio Wolf (2008). A aplicabilidade pode variar e para entendê-la deve-se analisar mais a fundo a rotina em uma redação ou no espaço onde são produzidas as notícias.

3.1.2 Rotinas de produção

Uma das grandes vantagens dos critérios de noticiabilidade é que eles orientam os jornalistas para que consigam, em determinado espaço de tempo, produzir o que será veiculado nos noticiários. Traquina (2005) ressalta que o conhecimento de formas rotineiras permite aos repórteres trabalhar com maior eficácia. Apesar disso, os métodos variam de acordo com cada empresa ou veículo para o qual se trabalha.

É Wolf (2008) quem indica as fases desse processo que estão presentes em qualquer redação de jornal, site de notícias, televisão, ou rádio. São elas: a coleta, a seleção e a apresentação. Os critérios de noticiabilidade são utilizados nesses três momentos, e não apenas no momento da seleção.

Na primeira, delas o jornalista ou editor parte em busca de assuntos com potencial para serem noticiados. Isso pode ser feito por meio de agências de notícia, que trabalham para propagar uma grande quantidade de informações que podem pautar os mais diversos veículos, ou por meio de fontes, que contam histórias capazes de ocuparem uma espaço nos produtos jornalísticos. Quando as matérias são coletadas de agências, é comum serem alteradas ou aprofundadas de acordo com a linha editorial da empresa.

Essa fase da produção

é influenciada pela necessidade de se ter um fluxo constante e seguro de notícias, a fim de conseguir confeccionar, a cada vez, o produto exigido. Naturalmente, isso acaba por privilegiar os canais de coleta e as fontes que mais satisfazem essa exigência: as fontes institucionais e as agências. (WOLF, 2008, p.231)

O fato das fontes e das agências serem os principais meios utilizados para a coleta de informações exige que esses dois aspectos sejam detalhados. Mais uma vez, porém, é importante lembrar que a primeira seleção dos assuntos que serão pautados não se limita

apenas a esses dois itens e podem surgir também da percepção do repórter, de um problema que ele pretende encontrar respostas ou de uma investigação, que inclui dados, documentos e os mais diversos tipos de levantamentos.

3.1.3 As fontes e as agências

Conversar e ouvir as fontes são umas das principais regras do jornalismo. Não é à toa que a ex-editora de treinamento da *Folha de São Paulo*, Ana Estela Sousa Pinto (2009), destaca que um dos principais patrimônios de um jornalista são as suas fontes. O contato diário com elas contribui para determinar a pauta e para descobrir histórias exclusivas e divulgá-las antes que os concorrentes.

Para o jornalista que cobre política, elas são ainda mais importantes, uma vez que se lida com a disputa de diferentes versões do mesmo fato (MARTINS, 2005). Além disso, elas requerem um tratamento mais delicado, no qual o jornalista mantenha sua credibilidade e confiança com o informante sem tornar a relação promíscua. Sobre a cobertura específica da política nacional, Martins (2005) afirma que

em Brasília, temos uma enorme quantidade de fontes à disposição, muito mais do que em uma concentração da CBF. Melhor: elas têm interesses conflitantes e brigam entre si. Estão interessadas em falar se souberem que outros já andaram dando suas versões sobre os fatos. Resumindo: na cobertura política, pescamos livremente no oceano, onde há de tudo, e não em um tanque artificial, monitorados pelo dono da casa. (MARTINS, 2005, p.47)

Ainda no âmbito do jornalismo político, pode-se afirmar que as boas fontes permitem que o jornalista antecipe os movimentos de governos, partidos ou chefes políticos. Porém, para que a relação se perpetue é necessário que ambas as partes a percebam como vantajosa (MIGUEL, 2002).

Nesse relacionamento, as fontes podem tentar dirigir a atenção dos repórteres para eventos ou questões particulares, sem controlar a história final. É uma relação de interdependência, em que “os jornalistas se preocupam em manter o acesso a fontes poderosas, mas só se esse acesso levar a um produto que seus superiores - que afinal, pagam seus salários - avaliem favoravelmente” (COOK, 2011, p.228).

A proximidade deve ser vista com cautela para que o trabalho não seja comprometido e a ética profissional corrompida. Martins (2005) orienta os jornalistas que cobrem política a não aceitarem presentes, viagens e sempre pagarem as suas contas quando, por exemplo,

jantarem com alguma fonte. Isso evita uma relação promíscua e contribui para o profissionalismo da atividade.

Nem todos os repórteres têm uma relação mais próxima com as fontes. Isso é visto como um privilégio e ocorre, com mais frequência, com quem trabalha como setorista e precisa sempre ouvir determinadas pessoas para concluir as matérias. No caso de um jornalista que cubra outros assuntos, é comum que a cada dia ele precise lidar com uma fonte diferente, o que impede que tenha uma proximidade maior.

Outra fonte de informação para os jornalistas é a própria concorrência. Ao abordar a importância das fontes para as rotinas de produção, Wolf (2008) destaca que o consumo de outros meios de comunicação é significativo, pois assegura um acordo geral, difundido e aproximativo da seleção das notícias.

Essa observância inclui as agências de notícias e os portais da internet, que assumiram um papel fundamental na coleta de notícias. Por meio da internet, a relação dos contatos com as fontes ficou mais interativa. Também se tornou possível ampliar a seleção de fontes, além de facilitar a coleta de maior quantidade de informação num menor espaço de tempo (BIANCO, 2005).

No caso das rádios, “as notícias disponíveis em sites de informação, seguindo a lógica da atualização constante, interferem na construção dos critérios de noticiabilidade das emissoras, assim como na sua definição do que é mais importante ou mais interessante para o ouvinte” (LOPEZ, 2010, p.83).

Diante das inúmeras possibilidades de notícias apresentadas pelos portais e pelas agências, o jornalista usa critérios para determinar o que irá repercutir ou não. O uso dessas duas ferramentas, no entanto, é prática comum no ambiente de trabalho dos repórteres e influencia diretamente as rotinas de produção.

3.1.4 A edição e apresentação das notícias

Depois de coletar e selecionar os acontecimentos e fatos que serão noticiados, os jornalistas precisam editar a informação que conseguiram de acordo com as necessidades dos veículos em que trabalham. Uma matéria no rádio não pode ser muito extensa, na televisão é preciso respeitar o tempo do telejornal, conciliar imagens e informações. No jornal impresso o

espaço também é controlado: as fotos e as publicidades dividem a mesma página que o texto jornalístico.

Para estudar como isso ocorre no rádio, que interessa para este trabalho, deve-se considerar que se trata de um veículo efêmero, em que o ouvinte pode fazer outras coisas enquanto escuta. Por isso, a notícia necessita de certos cuidados para que o público consiga entendê-la. O repórter precisa, por meio da voz, fazer com que o ouvinte crie as imagens daquilo que se está falando (MCLEISH, 2001).

Barbeiro e Lima (2003, p.78) definem que “a edição é a forma mais organizada de se construir uma reportagem ou uma sequência de sonoras capazes de relatar um fato jornalístico”. Para se alcançar esse objetivo, eles consideram que o tempo de uma sonora deve ser de 30 segundos, mas há exceções, quando se trata de um assunto importante, como uma declaração polêmica. As sonoras devem terminar com sentido e ser as mais opinativas possíveis, pois são mais contundentes e chamam mais atenção do ouvinte, afirmam os autores.

Ao construir o seu texto e narrar o fato, o jornalista utiliza os critérios de noticiabilidade para definir o que é mais importante, que merece destaque e deve estar no lide. Reforça o tom de voz em alguns momentos para chamar a atenção e apresenta a informação conforme aquilo que acredita que será relevante para o ouvinte ou de acordo com as regras e linha editorial da empresa.

Essa fase serve para “dar uma representação sintética, necessariamente breve, visivelmente coerente e possivelmente significativa do objeto da notícia: imposta pelas exigências e pelas técnicas de produção transforma-se em algo diferente e a mais” (WOLF, 2008, p.260)

3.2 Jornalismo em Rádio

Conhecido como um meio de comunicação ágil e com uma linguagem simples, o rádio consegue abordar os mais diversos gêneros jornalísticos em seus produtos. Desde a nota até a reportagem, o veículo informa com precisão sobre os fatos do dia a dia e faz companhia ao público a qualquer momento, nos mais variados lugares graças à sua praticidade. Prova disso são os resultados da Pesquisa de Mídia divulgada pelo Governo Federal em 2014, que mostrou que o rádio é utilizado como meio de comunicação por 61% dos brasileiros, ficando

atrás apenas da televisão, que foi citada por 97% dos entrevistados. Em terceiro lugar ficou a internet, que é utilizada por 47% do público consultado.

Entre os privilégios do rádio como meio de comunicação de massa, Ortriwano (1985, p.78) destaca oito. O primeiro refere-se à **linguagem oral**. Como o rádio trabalha com a voz, para receber a informação, o público não precisa ser alfabetizado, diferente dos meios que utilizam a escrita ou até mesmo a televisão, que faz uso de caracteres para apresentar gráficos e identificar fontes. O rádio também tem maior **penetração**, é mais abrangente e consegue chegar a locais mais remotos. Nele, pode estar presente com mais intensidade o regionalismo, que será tratado posteriormente neste trabalho.

Sob o ponto de vista da **mobilidade**, o rádio traz vantagens tanto para o emissor quanto para o receptor. Por ser menos complexo, bastando apenas um telefone para entrar ao vivo, o repórter de rádio pode estar presente com mais facilidade no local dos acontecimentos e transmitir informações mais rapidamente. É o **imediatismo**, que permite que o fato seja informado no momento em que ocorre. Em relação ao ouvinte, este não precisa ficar em casa para ouvir a programação do meio. O aparelho é portátil, tem **autonomia**, é livre de fios e tomadas, e se tornou ainda mais com as novas tecnologias.

Por causa da sua **instantaneidade**, a informação precisa ser recebida no momento em que é emitida. Isso era considerado como uma certa desvantagem em relação aos veículos impressos, que podem ser lidos e relidos a qualquer hora. Porém, com as páginas das emissoras na internet, o ouvinte pode recuperar ou ouvir quando achar melhor a notícia que lhe interessa.

O formato da mensagem torna a comunicação mais intimista e mais próxima, tem-se a sensação de que se está falando para cada um em particular. A **sensorialidade** envolve o ouvinte, o faz participar por meio da criação de diálogo mental com o locutor e desperta a imaginação por meio dos recursos de sonoplastia.

Os **custos no rádio são baixos**. Adquirir um aparelho receptor é mais barato do que comprar uma televisão ou assinar um veículo impresso. Nesse sentido, pode ter a mesma vantagem que os portais da internet, que não cobram pelo acesso ao conteúdo.

No rádio, há a utilização de vários gêneros jornalísticos para “atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos” (BARBOSA FILHO, 2009, p.89). De acordo com Barbosa Filho (2009), eles se apresentam no rádio por meio de diversos

formatos. A **nota**, o mais comum deles, é uma informação sintética de um fato atual, irradiada em um tempo curto, em média 40 segundos, transmitidas por meio de frases diretas.

Já a **notícia**, tem em torno de um minuto e 30 segundos. Pode ser divulgadas por meio de “**flashes**”, que interrompem a programação para informar sobre um fato com rapidez, ou por meio de notícias explicadas, que vão ao ar nos boletins ou radiojornais com vários enfoques em relação a determinado assunto.

As emissoras transmitem com frequência **boletins**. Geralmente, vão ao ar nas horas cheias ou de meia em meia hora. Duram aproximadamente cinco minutos, contam com notas e notícias e servem para atualizar as principais notícias durante a programação das rádios. As **reportagens** transmitidas são narrativas que englobam as mais variáveis envolvidas em um fato para dar ao ouvinte uma noção mais aprofundada a respeito do que é narrado. Para isso, são utilizadas as sonoras, que dão a oportunidade das fontes explicarem ou se defenderem. Isso ocorre por meio de **entrevistas**, que podem ser veiculadas na íntegra ou inseridas no corpo da notícia.

O **radiojornal**, por sua vez, reúne os formatos jornalísticos, como notas, notícias, comentários, reportagens, entrevistas e crônicas. A duração varia conforme as emissoras, mas costumam ter em média entre meia e uma hora. Ortriwano (1985, p.93) destaca que o radiojornal tem a “função de cobrir o último período informativo entre uma emissão da espécie e outra”.

Além do jornal-falado, programas que são bastantes comuns no rádio são os **debates**, **policiais** e **esportivos**. Nos debates, as apresentações são ao vivo e os participantes discutem, apresentam e defendem ideias diferenciadas entre si. Os programas policiais cobrem os fatos dessa área com reportagens, entrevistas, comentários e notícias. Costumam estar presentes nas rádios mais populares, e podem apresentar uma estrutura diferente. O mesmo ocorre com os programas esportivos, com o detalhe de que algumas emissoras cobrem as partidas de futebol e fazem verdadeiras jornadas esportivas em dias de jogos, seguindo a mesma lógica dos programas policiais.

Apesar de ser um veículo tradicional, presente no Brasil desde 1923, o rádio tem se reinventado e vem conseguindo se manter como um meio de comunicação eficaz, mesmo enfrentando a concorrência da internet e das novas tecnologias. Diferentemente de outros meios, como o jornal impresso, o rádio consegue conciliar bem e mais rapidamente as inovações tecnológicas. O surgimento de novos aparelhos não excluiu o rádio. Os aplicativos

das emissoras nos smartphones, por exemplo, oferecem ao ouvinte a possibilidade de sintonizá-las de onde estiver.

Além de acompanhar as mudanças tecnológicas, o rádio precisa também de profissionais que saibam lidar com esses fatores para não perder audiência. Os jornalistas devem fazer o bom uso das novas fontes de informação para dar credibilidade às notícias que vão ao ar. Os apresentadores e o público possuem muito mais do que e-mails abertos. A interação com o ouvinte mudou. As redes sociais e aplicativos para aparelhos como o smartphone permitem um contato mais ágil e de maior facilidade. As emissoras contam com perfis em redes sociais, como o Twitter e o Facebook, onde publicam e procuram informações. Em um único aparelho, o ouvinte consegue ouvir a rádio e participar da programação fazendo uso de aplicativos.

Por meio de comentários, o público pode dizer o que pensa da programação, ser atendido, pautar a emissora. Exemplo disso é o uso do aplicativo de mensagens WhatsApp, já utilizado por algumas rádios para buscar por informações do trânsito, principalmente. Os novos meios também contribuem na busca de fontes para as matérias, que podem ser encontradas nas redes sociais.

Isso implica a criação de uma nova linguagem, própria para a internet. É preciso de jornalistas que fiquem responsáveis por alimentar os perfis da rádio nas redes sociais. Como afirma Lopez (2010, p.41) “a tendência, para o futuro do rádio em sua configuração hipermidiática, é que ele passe a congregar produções audiovisuais, fotográficas, infográficas e de texto, buscando a complementação e ampliação do conteúdo sonoro”.

Soma-se a isso a concorrência dos portais, que acabam por interferir na produção e na divulgação de notícias. Del Bianco (s/d), afirma que

a internet é parte essencial das rotinas produtivas do radiojornalismo, que permite pautar a reportagem, fornecer notícias prontas para a composição dos noticiários e geral, guiar o trabalho de apuração de informação de serviço; dar subsídios e informação complementar para compor o comentário e edição de reportagens apuradas pela equipe, além de subsidiar a chefia na supervisão dos repórteres na rua. (DEL BIANCO, s/d, p.12)

Os estudos feitos pela autora nas rádios *Jovem Pan* e *Bandeirantes* concluíram que a internet, além de beneficiar, pode trazer prejuízos para o jornalismo em rádio se não for utilizada de maneira adequada. Como o processo acaba sendo misturado, fica difícil “separar e identificar num programa o que é notícia exclusivamente retirada da internet do conteúdo apurado pela central informativa ou pelos repórteres” (DEL BIANCO, s/d, p.12).

Observando as características do rádio e as mutações pelas quais o veículo passa, concorda-se que o “o desafio do jornalista hoje é navegar no emaranhado de informações provenientes de diferentes fontes acessíveis pela internet para interpretar os acontecimentos e obter informações confiáveis e de qualidade num curto espaço de tempo” (DEL BIANCO, s/d, p.9).

3.3 Jornalismo Regional

Como já citado anteriormente, uma das principais vantagens do rádio está no fato de esse veículo ter uma força regional. Peruzzo (2005) afirma que o rádio é eminentemente local, assim como Alves (2005) destaca que

ficou para a TV a formação de grandes cadeias, a cobertura de vastos territórios, enquanto as emissoras de rádio passaram a se dedicar mais para as comunidades das regiões onde funcionam. E, assim, atender à demanda de informação de cada região (ALVES, 2005, p.163).

Essa análise do rádio sob o ângulo regional já era estudada desde os anos 80 por Ortriwano (1985, p.28), para quem “o rádio de caráter nacional, com a programação de uma única emissora atingindo diretamente todo o território, deixou de ter razão de existir, voltando-se mais para os aspectos regionais, ligado à comunidade em que atua”.

Apesar de as rádios que criam redes contribuírem para a modernização do rádio por favorecer a especialização de algumas áreas, ainda há o problema de que as redes abrangem regiões diversas e não mantêm a identificação com as comunidades locais, ignorando sua cultura e com dificuldades para discutirem seus problemas (SANTOS, 2010).

O jornalista que trabalha para uma rádio regional, com força e público em determinada região, deve ter cuidado para não tornar tudo muito local. “É preciso distinguir entre o que é local e o que é paroquial. É importante avaliar corretamente o que é uma notícia local” (BARBOSA FILHO, 2009, p.46). Um detalhe para o qual deve-se estar atento é o de que o ouvinte está inserido dentro de um mundo global.

Nesse sentido, Santos (2010), ao fazer uma pesquisa para conceituar o noticiário local de rádio a partir dos próprios ouvintes e avaliar a importância que ele dá a esse tipo de informação, mostra que “há evidências de que faz parte da realidade do pesquisado a consciência de estar em um mundo interligado, com rebatimentos de fatos de várias partes do planeta em suas ações cotidianas” (SANTOS, 2010, p.12)

O fato de a globalização ter impulsionado a revalorização do local, fez com que a grande mídia investisse nesse segmento, em um primeiro momento com a intenção de captar os recursos provenientes da publicidade no interior do país (PERUZZO, 2005). A inserção das mídias no local, afirma Peruzzo (2005, p.75), “pode ocorrer com o propósito de esmiuçá-lo ou simplesmente para valer-se de algumas coisas do local, mas sem desvincular-se de sua vocação ‘nacional’”. Isso ocorre, por exemplo, com rádios como a *CBN* e *Band News FM*, que concentram suas produções focando a formação da rede.

Quando as empresas de jornalismo estão interessadas em fortalecer a informação regional, elas criam uma proximidade com o público, que “se refere aos laços originados pela familiaridade e pela singularidade de uma determinada região, que têm muito a ver com a questão dos locus territorial” (PERUZZO, 2005, p.76)

Ser um veículo regional não implica deixar de noticiar assuntos de interesse nacional. Trata-se, porém, de abordar essas notícias sem reproduzir o estilo da grande imprensa, e criar vínculos de pertencimento e compromisso com o lugar e com a informação de qualidade (PERUZZO, 2005).

3.4 Jornalismo Político

Desde o surgimento do primeiro jornal no Brasil, a cobertura política está presente na imprensa do país. Em 1808, os jornais, que apoiavam ou não a Família Real, já noticiavam os atos do rei recém-chegado de Portugal. Dessa forma, a história do jornalismo político acaba se confundindo com a história da imprensa brasileira. Mais de duzentos anos depois, ele continua presente nos jornais, nas revistas, nos programas de rádio, nos telejornais da TV e no imediatismo dos portais. Mais do que isso, ocupa um espaço nobre na imprensa.

A cobertura política é destaque, principalmente, na grande mídia. Jornalistas são encaminhados para os mais diversos setores do poder executivo, legislativo e judiciário. Os chamados setoristas têm a função de levar até o público as questões mais relevantes sobre a área que cobrem. Para isso, os veículos investem a fim de manter esses repórteres sempre mais próximos dos acontecimentos relativos aos assuntos dos quais são responsáveis.

Uma das coberturas com grande relevância para os meios de comunicação é a do Congresso Nacional. A agenda da Casa, os bastidores, os atos e as decisões parlamentares são pautas presentes e de destaque nos veículos de comunicação que enviam repórteres para os

Comitês de Imprensa da Câmara e do Senado com o objetivo de mostrar os principais fatos da política nacional.

A presença constante dos jornalistas no ambiente político faz Miguel (2002) afirmar que a mídia é um fator central da vida política e não é possível mudar esse cenário. Para entender a interação entre mídia e política, o autor traz a definição do que é o campo político. Citando Bourdieu (1990), Miguel (2002) afirma que o campo político é

o lugar em que se geram, na concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos, produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos, entre os quais os cidadãos comuns, reduzidos ao estatuto de ‘consumidores’, devem escolher. (MIGUEL, 2002, p.166).

Para conseguir destaque no campo político, é preciso ter visibilidade na mídia. Isso resulta em um jogo de interesses, em que, de um lado, há as intenções dos jornalistas de fazer uma cobertura imparcial, de conseguir assuntos exclusivos, e de outro os políticos que querem se manter na mídia para alcançar seus objetivos. O fato de repórteres dividirem o mesmo espaço que os políticos faz com que

os jornalistas “testemunham” eventos políticos que, ainda que possam ser pensados para divulgação na mídia, em princípio ocorreriam mesmo na ausência dela: debates e votações parlamentares, assinaturas de decretos e nomeações, atos de posse, reuniões partidárias. Depois, existem interações relativamente formalizadas entre repórteres e políticos, na forma de entrevistas (coletivas e individuais). Por fim, há a relação cotidiana e informal entre os profissionais de imprensa e aqueles que, no jargão do meio, são chamados de suas “fontes” (MIGUEL, 2002, p.176).

A cobertura política feita pelos veículos nem sempre é neutra. Os interesses econômicos e políticos das empresas podem influenciar na edição e apresentação das matérias. Dessa forma, para esclarecer como os profissionais agem conforme as exigências dos meios de comunicação, Cook (2011) defende o argumento de que os políticos ditam as condições e regras de acesso e indicam certos eventos e questões como importantes. Os repórteres usam esse material para decidir se é algo suficientemente interessante para ser coberto e depois construído como narrativa coerente.

A discussão em relação sobre o papel político do jornalismo também é esclarecida por Cook (2011). O autor afirma que o jornalismo é uma instituição política (COOK, 2011, p.201). Porém, ressalta que o trabalho da mídia não pode ser classificado como o Quarto Poder, uma vez que essa instituição não existe constitucionalmente. Por esse motivo, ele conclui que “o jornalismo compartilha mais com duas outras instituições políticas: os partidos

políticos e o sistema de grupos de interesse. Em cada caso, essas instituições políticas estão simultaneamente dentro e fora do governo” (COOK, 2011, p.234).

Uma última consideração sobre o jornalismo, que é de extrema relevância para entendê-lo como instituição política, está no fato de que os grupos de interesse agem por objetivos políticos bem explícitos (COOK, 2011). Já o jornalismo, teoricamente, procura a imparcialidade e a qualidade, sem interesses como os partidos e outros grupos.

A qualidade é uma busca da imprensa que reconhece que é preciso manter padrões mínimos de qualidade na oferta dos produtos,

resultado da consolidação de uma indústria do setor, à medida que a categoria intensifica sua profissionalização e à medida que o público consumidor de informação torna cada vez mais complexas e variadas as suas preferências e expectativas (Christofoletti, 2010, p.5)

Christofoletti (2010) afirma ser difícil tangenciar os valores utilizados pelos meios de comunicação para conferir qualidade ao conteúdo produzido. O estudioso argumenta que “no caso de editoras de revistas e jornais, valores como ética, credibilidade, independência e imparcialidade são variáveis importantes para a busca da qualidade editorial” (Christofoletti, 2010, p.39). No caso da imprensa brasileira, em geral, Christofoletti (2010) diz que as vias para alcançar a qualidade estão ora nos critérios editoriais próprios da atividade jornalística, ora como requisitos básicos para a constituição de um produto de qualidade no mercado.

4. O CONGRESSO, OS REPÓRTERES E AS RÁDIOS

4.1 Comitê de Imprensa

Em outubro de 2014, 262 jornalistas estavam credenciados na Câmara dos Deputados e 183 no Senado. Isso significa que eles tinham autorização para acessar o plenário, acompanhar as comissões e frequentar os demais espaços do prédio. Porém, nem todos os profissionais da imprensa credenciados estão presentes todos os dias no Congresso. Na cobertura diária, é comum notar a presença dos repórteres, produtores, cinegrafistas, fotógrafos e auxiliares dos veículos tradicionais e de abrangência nacional.

Predomina a presença dos jornalistas da *Folha*, *Estadão*, *O Globo*, *Correio Braziliense*, *EBC*, *CBN*, *BandNews*, *Globo*, *Record*, *SBT*, *Portal Terra*, *Uol*, *G1*, *Veja*, *IstoÉ* e *Época*. As cinco rádios estudadas neste trabalho e repórteres de outros veículos regionais destoam da maioria por estarem em menor quantidade e terem a necessidade de cobrir o nacional pensando no regional e, por isso, acabam tendo maneiras e necessidades de produções diferentes. Essas diferenças são bem destacadas por Rodrigues (2002, p.41) que explica que “jornais nacionalizados mais se preocupam com o processo legislativo, com questões institucionais, com o Brasil. Jornais locais dirigem a atenção a questões relacionadas a estados e regiões”.

O trabalho é concentrado nos Comitês de Imprensa da Câmara e do Senado. Normalmente, os veículos separam os profissionais nestes dois espaços, delegando a cada um determinada função ou tarefa. Os comitês são os locais em que eles elaboram as matérias, acessam a internet, fazem as ligações. Enfim, é a redação de vários jornalistas de diferentes veículos. Os dois locais ficam próximos dos plenários e permitem que os repórteres tenham um contato mais próximo com os deputados e senadores. Quando termina um discurso ou uma votação, os profissionais da imprensa podem tentar falar com a fonte principal do assunto sem muitos empecilhos.

Para os repórteres de rádio, os comitês oferecem cabines de gravação. São quatro no Senado e mais quatro na Câmara. Os jornalistas entrevistados para o trabalho preferem o Comitê do Senado, afirmam que o consideram “mais aconchegante”, além da falta de espaço na Câmara. De fato, por ser menor, a área reservada aos repórteres no Senado proporciona maior interação entre quem está no local.

Pelos dias em que observei/estagiei nos dois comitês, foi possível notar que, no Senado, os repórteres têm mais a sensação de pertencerem à mesma redação. Conversam

bastante entre si, trocam mais informações. Diferente do comitê da Câmara. O mezanino é mais espaçoso e os repórteres acabam ficando mais separados por lá. Na parte de cima, estão os jornalistas dos veículos de circulação nacional, em baixo, os que trabalham para veículos regionais. A disposição de cada um segue uma lógica, como se cada empresa tivesse uma baia.

Raramente um deputado ou senador vai até o Comitê de Imprensa, quem faz isso são os assessores. Ao contrário do que ocorre em uma redação, onde é preciso se identificar na portaria e pedir autorização para entrar, nos comitês os assessores conseguem acesso com facilidade. Vão até lá, entregam suas sugestões de pauta pessoalmente aos jornalistas e são consultados pelos repórteres sobre dúvidas ou temas em que os parlamentares para os quais trabalham estão envolvidos. Essa dinâmica permite que os profissionais dos veículos de comunicação tenham mais facilidade de entrar em contato com a fonte, uma vez que os assessores estão sempre presentes. Também é vantajoso para o outro lado, pois facilita o vínculo entre jornalista e fonte. Em contrapartida, os repórteres precisam de mais cautela para que não se deixem influenciar por causa da relação estabelecida com os assessores.

Outro espaço bastante frequentado pelos repórteres é o Salão Verde da Câmara dos Deputados. É o local por onde os deputados costumam passar depois das reuniões, quando vão para o plenário. Os repórteres de televisão adoram fazer passagens nessa área. Os demais sempre passam por lá para conferir se não estão perdendo nada ou para se informar com os outros colegas se algum deputado dará entrevista para a imprensa ou sobre as principais pautas do dia.

4.2 Rádio Tupi

Entre as cinco emissoras estudadas neste trabalho, a *Tupi* é a que mantém o maior número de jornalistas no Congresso Nacional. A equipe é formada por uma editora, quatro repórteres e um estagiário. A quantidade é justificada, segundo a própria emissora, pelo fato de a *Tupi* querer estar presente em todos os acontecimentos mais relevantes do jornalismo político em Brasília para propagar a sua marca.

Há muita rotatividade no quadro de repórteres da rádio na capital federal. A repórter que está há mais tempo cobrindo o Congresso para a emissora é Cynthia Ribeiro, que começou na rádio em 2010. É uma profissional jovem, que antes passou pela rádio do Ministério da Educação e pela *Agência do Rádio*.



Figura 01: Cynthia Ribeiro é a correspondente que trabalha há mais tempo para a *Tupi*, em Brasília.

A *Tupi* não tem redação nem escritório em Brasília, mas oferece equipamentos como notebooks, gravadores e celulares para os jornalistas. Eles utilizam, então, os comitês cedidos pelos órgãos públicos, conforme a pauta. O local de concentração é, principalmente, o Comitê de Imprensa do Senado, onde se encontram antes de seguirem para as coberturas. Cynthia trabalha pela manhã, de 8h às 15h. Os outros colegas de emissora iniciam às 14h.

Disponível em 1280 AM e 96, 5FM, a *Tupi* faz parte dos Diários Associados e tem a programação voltada para o Rio de Janeiro. Fundada em setembro de 1935, adotou como slogan a expressão “A Tupi é o povo, o povo é a Tupi!”, que demonstra o caráter popular da rádio. Além da sede na capital carioca, a *Tupi* conta com uma rede de emissoras no estado, estando presente em 17 municípios. Segundo a própria emissora, a programação atinge uma população de 11,5 milhões de cariocas.



Figura 02. Logo da *Tupi*.

Informação e entretenimento são mesclados durante os programas. Não há um radiojornal específico para transmissão de notícias. Faltando cinco minutos para cada hora, ocorre a veiculação do boletim “Sentinelas da Tupi”, com notas sobre o trânsito, crimes, esportes e notícias de Brasília. As matérias produzidas pelos repórteres vão ao ar durante programas como o “Programa Haroldo de Andrade”, das 9h às 12h, que, além de reproduzir as notícias, traz também debates e discussões ao vivo com os ouvintes e com especialistas.

Um dos programas mais característicos da *Tupi* é o “Patrulha da Cidade”, considerado um policial-humorístico com rádio-teatro ao vivo. Ou seja, atores interpretam as notícias de crime que ocorrem no Rio de Janeiro. Outro ponto marcante da rádio é a cobertura do futebol no estado. Além de transmitir as partidas, programas como “Giro Esportivo” mostram o dia a dia do Flamengo, Fluminense, Botafogo e Vasco.

4.3 Jovem Pan AM

Três repórteres representam a rádio *Jovem Pan AM* em Brasília. Cada um deles fica responsável por uma das seguintes áreas: Congresso, Palácio do Planalto e economia. A divisão não é simples, e, às vezes, quem cobre o Congresso precisa cobrir o judiciário. Quem cobre a presidente precisa, algumas vezes, noticiar fatos econômicos. O acordo estabelecido

por eles determina que José Maria Trindade produza as notícias referentes ao Senado e a Câmara dos Deputados.

José Maria é mineiro, tem 55 anos e começou a carreira no *Estado de Minas*. Aos 25 anos, se mudou para Brasília e iniciou na *Jovem Pan*. Além de repórter, se tornou o diretor da rádio na capital. A emissora tem um escritório e um estúdio no Setor Comercial Sul de Brasília, mas não conta com uma programação local e retransmite os programas da rede *Jovem Pan News*, projeto iniciado em 2013. José Maria concilia o trabalho na rádio com o de comentarista político no canal *Rede Vida*.



Figura 03. Correspondente da *Jovem Pan AM*, José Maria também faz comentários na *Rede Vida*

A emissora foi fundada em 3 de maio de 1944, quando foi inaugurada com o nome *Rádio Panamericana S.A.* Criada para transmitir novelas, foi transformada em emissora dos esportes em 1945. O nome *Jovem Pan* surgiu em 1965. Um ano depois, a rádio passou por mudanças e iniciou vários programas com ídolos da música popular brasileira que, na época, faziam grande sucesso na *TV Record*. Os programas jornalísticos foram criados em 1970, 71 e 72, período em que surgiram a "Equipe Sete e Trinta", o "Jornal de Integração Nacional" e, finalmente, o "Jornal da Manhã", que até hoje é o carro chefe da emissora.

Em 1993, a emissora iniciou o Projeto Jovem Pan-SAT, que foi instalado em 1994, com sinal de áudio totalmente digital, transmitindo via satélite para várias regiões do país.



Figura 04. Logo da *Jovem Pan AM*

A emissora tem uma programação dinâmica e de prestação de serviço. O foco na cidade e no estado de São Paulo fica evidente quando, no “Jornal da Manhã”, toca a Sinfonia Paulista. A música de Billy Blanco narra um dia típico do paulista e se tornou uma das principais identidades da *Jovem Pan*. Por esses motivos, a emissora afirma em seu site que “todos os dias, ao ligar o rádio na Jovem Pan, os paulistanos sabem que a cidade será destaque no noticiário”.

Desde 2013, a rádio passa por alterações que objetivam dinamizar a programação e torná-la mais próxima do público jovem. Uma das principais mudanças é a integração entre a emissora que está em 620AM e a FM, na frequência 100,9, que conta com programas musicais e pouco voltados para o jornalismo. Na SKY, a programação da AM está disponível no canal 406. O programa “Jovem Pan Morning Show”, por exemplo, passou a ocupar a faixa das 9h30 às 11h30 das duas rádios com humor, entretenimento e notícias. A diferença é que no AM o programa é intercalado por prestações de serviço, enquanto que no FM é intercalado por músicas. O “Jornal da Manhã” vem sendo modificado e programas antigos como o esportivo “No Pique da Pan” deixaram a grade.

O projeto all news do Grupo Jovem Pan também teve início em 2013, primeiramente apenas na internet. Em seguida, as emissoras do próprio grupo, como a de Brasília, passaram a retransmitir a programação, que conta com o conteúdo já produzido pelos repórteres para a AM. A intenção é que as 90 afiliadas da emissora *Jovem Pan AM* sejam transformadas em *Jovem Pan News*. Aos poucos, os noticiários também devem ser incorporados no FM.

4.4 Itatiaia

Desde 1986, a *Itatiaia* mantém um correspondente em Brasília. A primeira a ocupar essa função foi Aparecida Ferreira, que continua no cargo e também coordena a cobertura política na capital. Em 2007, a emissora enviou mais uma repórter, Gabriela Speziali para auxiliar na produção das matérias do Congresso, ministérios, judiciário e Palácio do Planalto.

Gabriela, que tem 43 anos, já trabalhava na sede da *Itatiaia*, em Belo Horizonte. Na cobertura em Brasília, não há uma separação entre o que é de responsabilidade de cada repórter. A divisão é feita, principalmente, por horários. Aparecida Ferreira costuma trabalhar pela manhã e Gabriela pela tarde. Como as sessões no Congresso ocorrem mais ao fim do dia, é a repórter mais jovem que, na maioria das vezes, transmite as notícias da Câmara e do Senado.

As duas jornalistas contam com um escritório e um estúdio no Setor Comercial Norte, mas o usam pouco. A produção e a edição são feitas nos Comitês de Imprensa ou na própria casa das jornalistas.



Figura 05. Gabriela Speziali, correspondente da *Itatiaia* desde 2007.

Conhecida como a Rádio de Minas, a *Itatiaia* é transmitida pelas frequências 610AM e 95,7 FM. A emissora está no ar desde 1952 e tem uma programação voltada para esportes, presente na cobertura de grandes eventos, jornalismo, prestação de serviços e entretenimento.

A programação integral é retransmitida por canais de rádio da TV a cabo na SKY e na Claro TV.

O jornalismo local e esportivo são a base da Itatiaia. Pela manhã, vai ao ar o “Jornal da Itatiaia – Primeira Edição”, que tem uma segunda edição ao meio dia. De hora em hora, o boletim “Itatiaia Urgente” é transmitido com as principais informações do dia. O trânsito em Belo Horizonte é uma das prioridades da rádio, que tem um número de telefone exclusivo para os ouvintes ligarem e passarem as informações sobre as vias da cidade.

As transmissões esportivas dos times de Minas (Atlético, Cruzeiro e América) se tornaram marcas registradas da *Itatiaia* com narradores como Alberto Rodrigues e Mário Henrique Caixa. Os principais programas esportivos da emissora são o “Bastidores”, “Apito Final” e “Tiro de Meta”.



Figura 06. Logo da *Itatiaia*.

Outras quatro emissoras formam a *Rede Itatiaia*. São rádios localizadas no interior de Minas Gerais, nas cidades de Ouro Preto, Varginha, Juiz de Fora e Montes Claros. Há também 51 emissoras filiadas em outros municípios que retransmitem os principais programas jornalísticos e esportivos da rádio. A *Itatiaia* afirma atingir cerca de 760 municípios mineiros, do total de 853.

4.5 Rádio Jornal

A *Rádio Jornal* de Pernambuco é a única emissora nordestina com um correspondente em Brasília. O responsável por esse trabalho é o repórter Romoaldo de Souza, que está na função desde 2004. Antes, ele trabalhou como correspondente de outro veículo do mesmo grupo ao qual pertence a *Rádio Jornal*, o *Jornal do Commercio*.

Romoaldo é pernambucano e conhece bem as características do estado. Tem um sotaque característico, típico da sua região no Nordeste. Os equipamentos de trabalho do repórter foram adquiridos por ele mesmo, já que o contrato com a emissora foi feito nessas condições. Isso inclui gravador, celular, computador e até carro. Romoaldo ainda cobre política para a Rede Católica de Comunicação e é professor de radiojornalismo na faculdade Icesp, localizada no Guará.



Figura 07. Romoaldo de Souza, correspondente da Rádio Jornal, é também professor.

Assim como a *Tupi*, a *Rádio Jornal*, que está em 780AM, tem um apelo bastante popular. Porém, não deixa o jornalismo e a prestação de serviço de lados e tem noticiários, ao contrário da carioca. O “Redator de Plantão” é o principal radiojornal da emissora, que vai ao ar às 6h. No horário nobre, que segue até o meio dia, a *Rádio Jornal* transmite o policial “Plantão de Polícia” e o “Debate”, que discute temas polêmicos. A equipe esportiva é conhecida como “Escrete de Ouro”.

Com o nome *Rádio Jornal do Commercio*, a emissora foi fundada em 3 de julho de 1948. Deste então, tem como slogan, “Pernambuco Falando para o Mundo”, que ficou

conhecido porque iniciou com transmissores potentes em ondas curtas e médias, que alcançavam todo o mundo.



Figura 08. Logo da *Rádio Jornal*

Atualmente, tem o projeto de emissora all news, em FM, a rádio *Rádio JC News Recife*, com quem também divide seu conteúdo local. A emissora forma uma rede regional com programação própria transmitida do Recife (cabeça de rede) para cinco emissoras do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação no interior do estado: Caruaru, Garanhuns, Limoeiro, Pesqueira e Petrolina.

4.6 Rádio Gaúcha

Emissora da Rede Brasil Sul (RBS), a *Gaúcha*, apesar de contar com apenas uma correspondente, tem uma boa estrutura em Brasília. Como a rede mantém na capital repórteres da *TV RBS* e do jornal *Zero Hora*, a repórter Renata Colombo aproveita do mesmo espaço que eles para produzir as notícias. Além da redação compartilhada, que fica no Setor de Rádio e TV Sul, a RBS tem um estúdio que é utilizado pela repórter tanto para gravar quanto para entrar ao vivo com as matérias.

Renata tem 31 anos e chegou a Brasília para fazer a cobertura política no fim de 2013. Antes, foi produtora da *TV RBS* e do *SBT*, no Rio Grande do Sul, passou pelo site da *Deutsche Welle/Alemanha*, *Rádio Guaíba*, *Panda Filmes*. Em 2014 ganhou o Prêmio Internacional Jornalismo Rei da Espanha, com o jornalista Fábio Almeida, na categoria Rádio, pela reportagem multiplataforma “Império da Areia: a dragagem que mata o Jacuí”.

Um ano antes, venceu os prêmios Jornalistas&Cia/HSBC de Imprensa e Sustentabilidade e Petrobras de Jornalismo com a mesma matéria. A repórter ainda foi finalista de prêmios como o ARI de Jornalismo e o GP Ayrton Senna de Jornalismo, em 2009.



Figura 09. Renata Colombo, correspondente da *Gaúcha*

A rádio foi fundada em 1927, mas o grupo do qual faz parte foi criado em 1953 e é afiliado da *Globo*. De acordo com os registros da própria RBS, a rede conta com a RBS Rádio – com 24 emissoras de rádio a e a Rede Gaúcha Sat de rádio, com 110 emissoras afiliadas. A RBS Televisão, que tem 18 emissoras de TV afiliadas à Rede Globo, sendo 12 no Rio Grande do Sul, além da RBS TV – Santa Catarina. O grupo tem seis jornais: *Zero Hora*, *Diário Gaúcho*, *Pioneiro*, *Diário de Santa Maria*, *Diário Catarinense* e *Jornal de Santa Catarina*. Por fim, a RBS Online conta com o portal de internet *clicRBS*, voltado para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Com todos esses veículos, Cabral (2006, p.4) afirma que “a Rede Brasil Sul (RBS) é o maior conglomerado regional do Brasil”.



Na programação da *Gaúcha*, transmitida em 600 AM e 93,7 FM, o jornalismo é destaque no “Gaúcha Hoje”, que mescla informação com música, no “Chamada Geral” e no boletim “Correspondente Ipiranga”, que vai ao ar de hora em hora. A rádio mantém a força com a cobertura jornalística do Sul e com a tradição esportiva de acompanhar os times da região.

5. A COBERTURA DO CONGRESSO NACIONAL

5.1.1 A busca pelas notícias

A liberdade é uma das principais características do trabalho dos cinco correspondentes estudados nesta monografia. Longe das redações, dos editores e subeditores, eles são donos da própria pauta e, na maioria das vezes, decidem sobre o que será noticiado ou não. É um cargo de extrema confiança. Os chefes que ficam nas sedes das emissoras confiam que o repórter conhece bem a linha editorial da rádio e vai cobrir o Congresso já sabendo exatamente o que tem relevância para entrar na programação ou não.

Há, é claro, conversas, por telefone e ou e-mail entre editores e repórteres, porém, os correspondentes são quem indicam os principais assuntos que ocorrem no Senado e na Câmara dos Deputados. No trabalho diário, eles empregam os critérios de noticiabilidade estudados por Wolf (2008) para tornarem a atividade viável e realizar cotidianamente a cobertura informativa. Isso é feito de forma conjunta, ou seja, mais de um critério é utilizado simultaneamente durante a decisão dos correspondentes.

Com base nas entrevistas e na observação feita durante uma semana no Congresso, percebe-se que os correspondentes recorrem com muita frequência aos critérios substantivos de importância e interesse, os relativos ao público, à concorrência, ao meio e ao próprio produto.

Outra percepção é a de que os jornalistas entrevistados conhecem bem a linha editorial da empresa e procuram segui-la, o que é mostrado por Breed (1999) nos estudos sobre a organização jornalística.

A repórter Cynthia Ribeiro, da *Tupi*, por exemplo, diz orientar sua rotina por tudo de mais importante que vai ocorrer ou já está ocorrendo na Câmara ou no Senado. Depois de identificar esses assuntos, ela os envia para a chefe que está em Brasília e, uma vez autorizada, inicia a apuração. “É tudo do Congresso. Tudo que tiver de relevante. Nosso objetivo é diferente do jornal. Porque jornal tem que ficar dando furo todos os dias e a gente não. Nossa prioridade é dar tudo. Tentar cobrir tudo. É para abastecer a programação. Falar o que está acontecendo, o que está votando de comissão, por exemplo. Não tenho que fazer uma matéria aprofundada. O importante é divulgar”, conta a repórter.

Na *Itatiaia*, Gabriela Speziali se pauta pelos assuntos polêmicos envolvendo os políticos e pelos interesses que a rádio considera que o ouvinte tem. “Infelizmente são os

escândalos. Infelizmente são as denúncias de corrupção, ou então as decisões que vão afetar a vida das pessoas, econômica, social... as decisões mais populares, aquilo que vai afetar a vida do cidadão comum, trabalhadores, aposentados...”, diz Gabriela.

Nesses dois casos, há o uso dos **critérios substantivos de importância** mostrados por Wolf (2008, p.210), tendo em vista “sua potencialidade de influir ou de incidir sobre os interesses do país”, a visibilidade, a capacidade de atingir um grande número de pessoas, a relevância do acontecimento em relação aos desenvolvimentos futuros.

Os repórteres também utilizam os **critérios de interesse**, quando a linha entre jornalismo e entretenimento fica mais tênue. Há, assim, o apelo para fatos que chamam a atenção das pessoas, “que buscam dar ao evento uma interpretação baseada no lado do interesse humano, do ponto de vista insólito, das pequenas curiosidades que atraem a atenção” (WOLF, 2008, p.213)

O interessante, pitoresco, tem valor/notícia para a *Jovem Pan*. Por isso o repórter José Maria afirma: “O inusitado, e tal... tem várias maneiras. Às vezes eu pego matérias pelo engraçado mesmo. Se é de interesse de muitas pessoas, dos ouvintes, entendeu?”.

Romoaldo de Souza, por sua vez, tem um espaço garantido na programação da *Rádio Jornal* para reproduzir matérias menos factuais, nas quais utiliza os critérios de interesse e que são de interesse do público. Todas as sextas-feiras ele participa com o que chama de um material especial no “Redator de Plantão”. É a “Crônica da Política”: “é uma crônica em primeira pessoa, como toda crônica deve ser, com assuntos relacionados à política, mas de uma forma mais carregada de humor e também com muita tinta de fatos pitorescos”, explica.

Gabriela e Cynthia buscam fugir do factual e fazer matérias mais leves para a programação das suas respectivas rádios nos fins de semana. O mais comum é elas entrevistarem algum especialista sobre determinado tema e, a partir das respostas, escrever uma matéria.

Todos os correspondentes afirmam conhecer e levar em consideração o público das emissoras onde trabalham quando vão definir as pautas. Ao fazerem isso, confirmam as afirmações de Wolf (2008, p.222) de que “a referência e o apelo às necessidades, às exigências dos destinatários são constantes, e nas próprias rotinas de produção estão encarnadas assunções implícitas sobre o público”.

Os **critérios relativos ao público** são reforçados pelo de **proximidade** e pelas **linhas editoriais** das emissoras que priorizam os assuntos de seus estados. Essa é uma característica

bastante evidente da *Gaúcha*, que é conhecida por ser bairrista. Tal fama é confirmada pela repórter Renata Colombo, ao dizer qual o principal critério utilizado para escolher as pautas: “O gaúcho é bairrista, a RBS trata de assuntos que são de interesse do Rio Grande do Sul, e a RBS e a rádio se consolidaram muito por terem esse perfil de ter uma representatividade muito grande no estado, porque tratam de assuntos que estão acontecendo em volta de quem mora lá”.

Os bastidores do Congresso são os assuntos que mais agradam a rádio *Gaúcha*. Projetos que ainda estão sendo discutidos nas comissões e não são polêmicos, por exemplo, não geram interesse para a empresa. A exceção ocorre quando os projetos estão relacionados com o Rio Grande do Sul: “Projetos que têm a ver com o Rio Grande do Sul se faz sempre. A Lei Santa Maria, que resultou por causa da Boate Kiss, se cobriu, a história da Lei da Palmada, que deram o nome de menino Bernardo por causa daquele caso do menino lá do interior do Rio Grande do Sul, se cobriu”.

Gabriela também não nega que utilize critérios semelhantes para selecionar as notícias para a *Itatiaia*: “A rádio é a voz de Minas. Então, assim, a gente abre muito espaço para falar as coisas de Minas, para fazer entrevistas sobre o ponto de vista de pessoas de Minas. A gente procura esclarecer as matérias para o nosso público: como isso se aplica de uma forma prática na vida das pessoas”.

A *Tupi* exige que Cynhtia esteja atenta aos assuntos do futebol e de outros que dizem respeito ao Rio de Janeiro. “A gente não é bairrista, mas eu sempre dou um dado do Rio, sempre procuro ver se tem essas coisas. No Ministério da Saúde, eles divulgam sempre muitas pesquisas, muito programa, muito ação, eu sempre olho dados do Rio”, conta a repórter.

Diferente das outras rádios estudadas no trabalho, a *Jovem Pan* procura fazer uma cobertura do Congresso menos regionalizada. As exceções ocorrem quando o governador ou prefeito de São Paulo, por exemplo, estão em Brasília. Nessas ocasiões, José Maria aproveita para entrevistá-los sobre os temas polêmicos, que estão em pauta no estado, pois considera ser mais fácil conseguir fazer isso na capital federal.

O repórter da *Rádio Jornal* afirma que além de levar em consideração o público de Pernambuco também precisa dar atenção aos assuntos que interessam aos ouvintes de outros estados do Nordeste. Romoaldo lembra, porém, que sua principal preocupação é que as matérias tenham sonoridade. Com isso, está empregando um **critério relativo ao próprio produto**, ou seja, se atenta “aos procedimentos de produção, de congruência com as

possibilidades técnicas e organizacionais, com as restrições de realização e com os limites do próprio meio” (WOLF, 2008, p.214).

“Minha preferência é por alguma coisa que eu possa utilizar sonora. Fundamental no rádio é a sonora. Assim como as aspás são importantes no jornal impresso, no rádio é importante a sonora”, explica Romoaldo.

Os **critérios relativos à concorrência** são utilizados de diferentes formas pelos correspondentes. Baseados no que Wolf (2008, p.224) chama de “expectativas recíprocas”, os repórteres conferem nos jornais, sites e emissoras de TV se estão realmente cobrindo os assuntos que são importantes em determinado dia. Curiosamente, o rádio é pouco utilizado nesse caso. Por não concorrerem entre si, essa preocupação é menor e os cinco jornalistas afirmam que ouvem emissoras como a *CBN* e a *Band News* apenas quando estão no carro.

Antes de chegar ao Comitê de Imprensa do Senado, às 8h, Cynthia já confere os principais portais de notícias em busca de fatos que possam render pautas. Já no Congresso, ela checa mais uma vez os jornais e os sites e encaminha as sugestões para a chefe.

Devido à sua experiência, José Maria se nega a dizer que a internet o pauta. A seleção das notícias, segundo o jornalista, é resultado do faro que tem para a profissão. “Vai mais pela minha sensibilidade. A internet, não. É mais a avaliação pessoal mesmo, que coincide com o que os outros veículos estão dando, porque salta aos olhos.”

Gabriela Speziali afirma que monitora as agências para conferir se não está perdendo nada e, depois, para comparar o trabalho que fez. “Normalmente, quando as notícias chegam nas agências, eu já estou sabendo. Mas ajuda na alimentação cotidiana. Eu leio todos os jornais, eu leio as colunas, gosto de dar uma monitorada. Mas, às vezes, quando a redação pede alguma coisa, já passou, eu já estou sabendo há muito tempo.”

Romoaldo não nega que a internet e os outros jornais o auxiliam bastante. Os sites servem mais para agendá-lo, para ficar sabendo quando e onde tal fato vai ocorrer. Já os jornais, são utilizados para saber, segundo ele, “o que é prioridade em Pernambuco e o que é prioridade no país”.

Como precisa dar aula à noite às segundas, quartas e sextas, e muitas votações podem ocorrer no Congresso durante esse horário, ele afirma que, nessa questão, os sites são fundamentais: “durante os intervalos, eu fico procurando na internet para ver se tem alguma coisa muito importante, mas se for só votações, eu saio (do Congresso) com o material praticamente pronto, que eu já pego depoimento antes”.

Os portais de notícia são usados com frequência por Renata Colombo, repórter da *Gaúcha*. Porém, o risco de noticiar algo de forma incompleta ou até mesmo errada fazem com que ela não reproduza o que foi noticiado e cheque todos os detalhes antes de entrar no ar com uma informação: “Eu não leio nota de agência. Eu me nego. Eu tenho oito anos de profissão e eu sempre cavouquei as minhas matérias e apurei as minhas matérias. Se precisam e me pedem uma matéria que saiu no *GI*, que saiu no *Globo*, que saiu na *Veja*, vocês (editores) me dão tempo hábil, eu apuro e eu faço, mas eu não vou ficar lendo nota de agência que eu não apurei”, conta Renata.

Por fim, os correspondentes precisam estar atentos aos **critérios relativos ao próprio meio** para produzirem as notícias. Isso significa que devem selecionar fatos considerando a programação da rádio, os horários em que a informação será divulgada. No caso do rádio e da televisão, Wolf (2008, p.221) afirma que “esse critério privilegia os eventos pontuais, únicos, concluídos num breve período, uma vez que se tornam mais funcionais para os ritmos produtivos da organização do trabalho”.

Cada repórter participa com mais frequência em determinados programas das suas emissoras. Os materiais produzidos por Cynthia e os outros repórteres de Brasília da *Tupi* são reproduzidos durante os boletins “Sentinelas da Tupi” ou no “Programa Haroldo de Andrade”.

Os jornalistas da emissora carioca que estão na capital federal não fazem entrada ao vivo para a rádio, ao contrário do repórter José Maria, da *Jovem Pan*. Ao longo do dia, ele participa da programação da rádio quantas vezes for preciso, mas a principal obrigação é deixar duas matérias consolidadas para o “Jornal da Manhã”, principal radiojornal da emissora.

Além de matérias para o “Jornal da Itatiaia”, Gabriela Speziali precisa fazer notas ou pode entrar ao vivo durante o “Itatiaia Urgente” em casos de grande relevância e repercussão, já que a rádio não tem uma programação all news.

A participação de Romoaldo de Souza é garantida em, pelo menos, dois programas da *Rádio Jornal*. No “Redator de Plantão” são reproduzidas duas matérias gravadas sobre os principais assuntos de Brasília do dia anterior. Mais tarde, no “Super Manhã”, por volta de 9h, ele costuma participar ao vivo informando o que está previsto para ocorrer no Congresso.

Via de regra, a repórter da *Gaúcha*, Renata Colombo, entra ao vivo nos programas durante o horário em que está trabalhando. Ela sempre deixa matérias gravadas para o “Chamada Geral – 3ª edição”, que vai ao ar à noite e para os programas transmitidos durante a

madrugada. Para o “Gaúcha Hoje”, de 5h30 às 8h, o material é sempre gravado e trazem repercussões do dia anterior ou projeções para o dia.

5.1.2 Jornalistas e políticos: o relacionamento com as fontes

Em contato direto com os políticos, os repórteres das rádios regionais acabam tendo uma relação diferente com os parlamentares. Deputados e senadores querem ser vistos nos veículos de circulação nacional, mas também procuram aparecer para os eleitores dos seus estados e sabem que uma boa maneira de fazer isso é estarem próximos dos correspondentes que estão no Congresso.

Um exemplo da importância dada pelos parlamentares aos veículos regionais está no resultado da pesquisa “Mídia e Política”, realizada pela FSB em 2013 com 220 deputados. Em uma escala de 0 a 10, os parlamentares deram uma média de 4,1 para a importância da mídia nas suas decisões e voto. Em relação à mídia dos seus estados, o resultado foi um pouco maior: 4,3.

Os cinco repórteres entrevistados confirmaram que há sim um assédio maior por parte dos parlamentares que representam os estados das emissoras. No caso de Romoaldo, por exemplo, é comum os políticos de Pernambuco e de outros estados do Nordeste entrarem em contato o avisando sobre pautas. O fato de vários líderes do Congresso serem daquele estado o ajuda a construir as matérias e conseguir o material voltado para o público da rádio: “No Congresso, contando Câmara e Senado, tem pelo menos seis parlamentares da bancada pernambucana que são líderes, então isso, de certa forma, me dá uma maleabilidade para falar de assuntos nacionais com políticos regionais. Por exemplo, é claro que se eu for ouvir alguém do governo no Senado, é melhor eu ouvir o Humberto Costa, que é um político de Pernambuco. Agora, já lá na Câmara, se eu tiver que ouvir alguém da oposição, eu falo com o líder do DEM que é de Pernambuco”.

O contato com os políticos é fácil e ele diz não ser necessário contar tanto com a ajuda dos assessores. Romoaldo afirma que a dificuldade ocorre pelo fato de muitas fontes não aceitarem gravar para as matérias: “Quando um parlamentar quer passar uma informação, prefere passar uma informação para o repórter de impresso para o que de rádio. Por que? Porque para o impresso é mais fácil o cara do impresso dizer “segundo fontes”. No rádio, não dá”.

Dificuldade semelhante tem Renata Colombo, da *Gaúcha*. Ser repórter de um veículo regional pode, às vezes, impedir que se consiga uma informação com exclusividade, já que o interesse dos políticos é que suas atuações ou escândalos envolvendo rivais alcancem todo o país. Soma-se a isso o tempo necessário para se construir uma fonte de confiança, capaz de passar aos jornalistas as informações que eles precisam. “Uma dificuldade de ser correspondente de uma emissora regional é que, por maior que ela seja, ela é local. E tu concorrer com o nacional é difícil. Por mais que o deputado seja muito meu parceiro, muito minha fonte, na hora que ele tiver uma bomba na mão dele, dificilmente ele vai entregar para mim”, diz Renata.

Outra prova de que os políticos sabem bem o que devem fazer caso queiram aparecer na mídia é fato de eles não procurarem tanto emissoras como a *Tupi*, que priorizam mais o futebol e assuntos do cotidiano no Rio de Janeiro. A própria repórter da emissora reconhece que pouco procurada pelos políticos e o contato que tem com eles se limita ao que todos os outros repórteres têm durante as entrevistas.

A quantidade de anos na cobertura política e a credibilidade que o jornalista demonstra no seu trabalho são fatores primordiais para se conquistar as fontes. Por esse motivo, Gabriela Speziali e José Maria Trindade contam que não têm mais empecilhos para falar com elas. José Maria lembra ainda que o prestígio da *Jovem Pan* facilita muito esse contato. Quando a confiança é estabelecida, os papéis costumam até mesmo se inverter e os políticos procuram mais os jornalistas do que os jornalistas procuram os políticos.

O problema ocorre quando deixa de existir uma relação profissional e a fonte passa a querer influenciar diretamente no que o jornalista produz. Pode ocorrer de forma ingênua, quando, por exemplo, um deputado procura um repórter querendo que este faça uma matéria sobre algum projeto seu por pensar que realmente se trata de um projeto interessante, capaz de atrair a atenção da mídia e do público. Em outros casos, o político faz chantagem, ameaça, propõe troca de favores para ver o assunto que quer publicado.

Os cinco repórteres entrevistados dizem não permitir que isso ocorra no trabalho. Embora mantenham até mesmo uma relação de amizade com alguns parlamentares, afirmam que nunca fizeram uma matéria unicamente pelo fato de um político ter pedido. “Não dá para ultrapassar a barreira do profissionalismo, até porque eu tenho chefes que vão analisar minhas matérias e se verem que eu estou tentando beneficiar alguém, me mandam embora”, diz José Maria.

A solução encontrada por Gabriela, que também é seguida por todos, é receber a sugestão e explicar que não será possível publicar, sem desprezar a fonte. Quando os políticos conhecem melhor a mídia e os jornalistas estão preocupados em manter a questão ética e a credibilidade junto aos outros colegas, as relações tendem a ser mais harmoniosas, com menos conflitos.

Profissionais como os correspondentes desenvolvem uma relação quase simbiótica de obrigações com as fontes, que segundo Wolf (2008, p.239) “simplifica, mas, ao mesmo tempo, complica o trabalho, uma vez que o custo de perder um tipo semelhante de fonte torna-se mais alto”. Wolf (2008, p.239) ainda completa que isso leva o jornalista “a uma dependência mais ou menos consciente, justificada pela produtividade da própria”.

Para se precaver e evitar que as fontes direcionem as matérias, os repórteres procuram seguir as dicas de Franklin Martins (2005) que já foram citadas aqui: não aceitar favores de fontes, respeitar a linha editorial da emissora e manter o compromisso com o público são as principais formas que eles usam para terem um bom relacionamento com os parlamentares e não comprometerem o trabalho jornalístico.

5.1.3 Quem eles pensam que são

Enquanto correspondentes de emissoras regionais em Brasília, os cinco repórteres de rádio entrevistados têm pensamentos próprios a respeito da atividade que exercem e características que os diferenciam dos demais jornalistas que cobrem o Congresso. As rotinas de produção as quais eles estão submetidos contribuem para a formação de uma cultura “com sua própria maneira de agir, a sua própria maneira de falar e a sua própria maneira de ver o mundo” (TRAQUINA, 2005, p.50).

Para os ouvintes, Brasília pode ser uma realidade distante, mas que é levada pelos repórteres por meio da transmissão diária de reportagens da capital.

A característica do rádio de ter uma aproximação maior com o público é reforçada pelo fato de sempre serem os mesmos repórteres que noticiam as matérias de política em Brasília. Isso leva o ouvinte a conhecer bem a voz do correspondente, o jeito de falar, a assinatura. Os correspondentes têm a missão de produzirem conteúdo de proximidade, no qual se baseia a mídia regional (PERUZZO, 2005). Precisam cobrir a política nacional de forma que o público regional se interesse e entenda. Esses motivos levam os cinco repórteres a

crerem que são verdadeiros porta-vozes dos ouvintes. Ou seja, estão no Congresso também para representá-los, para apurar e falar por eles.

Isso fica evidente quando se conversa com esses jornalistas e se pergunta qual a importância eles acreditam ter o trabalho que fazem. Renata Colombo, por exemplo, destaca a relevância da sua profissão para a formação dos ouvintes que estão no Rio Grande do Sul: “Eu acho que a gente tem uma responsabilidade bacana, que eu acho que pode dar fruto. Eu acho que a partir do momento que eu mostro as coisas com uma certa clareza, as coisas como elas são, e explico, às vezes, que aquilo que o cara tá fazendo não é porque ele é legal, é porque ele tem um interesse atrás daquilo, ou então, porque aquilo que o cara tá fazendo é porque ele lutou muito por aquilo, eu acho que as pessoas vão entender melhor e, quem sabe, vão votar melhor e fazer a diferença”.

Gabriela Speziali compartilha de opinião parecida e acredita que tem o papel de conscientizar o ouvinte: “Eu acho que a importância é você levar a informação precisa, correta, para uma pessoa tirar a sua própria opinião. Nós temos eleições aí agora, então a gente tem um papel fundamental de transmitir as coisas de forma muito fiel, de forma muito precisa, para que o ouvinte possa decidir o que vai fazer.”

O papel de investigador, que traz à tona a verdade e está do lado do público, é outra característica que os correspondentes procuram manter. “Desvendar o mistério do submundo da política é a principal importância do meu trabalho. Nós temos obrigação de mostrar isso, temos obrigação de repetir que entra ano, sai ano, entra governo, sai governo, entra aliança e sai aliança, é tudo a mesma coisa, eles só mudam a tática, a estratégia é a mesma. E eu gosto de deixar bem claro para a dona Maria que eu não me envolvo com essa gente. Nem com os bons, nem com os maus políticos”, argumenta Romoaldo de Souza.

Para mostrar que são diferentes de outros jornalistas, que cobrem outras áreas, os correspondentes que trabalham no Congresso apelam para o jornalismo político e ressaltam as suas peculiaridades. “Profissionalmente, a elite do jornalismo é o jornalismo político. Não adianta, você não vê um cara que é repórter de esportes, de polícia virar chefe de um jornal. São (editoriais) importantes, são boas, mas... A política é força de repercussão e retorno para as empresas. A política é muito importante, você mexe com a vida das pessoas”, defende José Maria.

Personalizar o trabalho é outro meio que os correspondentes utilizam para se destacarem dos demais. José Maria conta que isso contribui para que ele tenha credibilidade

entre os ouvintes, colegas e fontes: “Eu me atrevo a dizer que antes eu era internet de Brasília. Eu sabia de tudo. Eu checava todos os ministérios, ligava para todo mundo. Não tinha internet, e aí, os jornais tinham rádio escuta, que ficava o dia inteiro escutando a *Jovem Pan* e orientando os repórteres. Então, eu era a internet. Agora, não dá para competir com a internet. Aí, você tem que ir além da internet. Como é que é ir além? É aprofundar seu conteúdo. Ganho credibilidade com isso. Se você chegar em um deputado de São Paulo e perguntar quem é o correspondente da *Jovem Pan*, todo mundo sabe. É porque eu gosto de fazer um trabalho meu, personalizado”.

Cynthia Ribeiro não sabe dizer com precisão o que diferencia o seu trabalho para o de outros jornalistas, mas conta que gosta da profissão porque “está sempre em contato com o que de importante está acontecendo e pode traduzir isso para as pessoas”.

A relação harmoniosa entre esses correspondentes também é evidente. Quando alguém perde uma coletiva, por exemplo, quem foi costuma compartilhar o áudio com os outros. Eles entendem que é um assunto que todo mundo tem, não é exclusivo e, por isso, pode ser compartilhado. Fazem isso com ressalvas, no entanto. José Maria diz evitar tal prática para que o trabalho não se torne idêntico. Romoaldo, por sua vez, só compartilha o material bruto e não aceita receber sonora pronta. O sentimento de concorrência entre eles é pouco. Como cada um fala para um público diferente, de determinada região, não limitam tanto o compartilhamento de informações.

Os repórteres de rádio, correspondentes ou não, são vistos por alguns colegas no Congresso como “seguradores de microfone”. Jornalistas de outros veículos até reclamam que ao verem um político dando entrevista, eles chegam com o gravador e começam a gravar sem nem mesmo saber de qual assunto se trata. Falam até que fazem um trabalho sem critérios.

Depois de mais de 20 anos de cobertura política, José Maria destaca, porém, que a relação com os colegas de impresso, principalmente, mudou muito. Antes, havia uma separação mais clara. Agora, com a popularização de novos meios de comunicação como a internet, o impresso perdeu muito a áurea que tinha. “Aqui antigamente era uma divisão colossal. Chamavam os jornalistas de rádio de mídia marginal, mas tiveram que mudar isso. Aos poucos, os jornalistas do impresso passaram a ir atrás das mídias eletrônicas, pegaram carona com a gente. Perceberam que quando se tem um microfone ou se acende uma luz acompanhada de uma câmera, o deputado para dar entrevista.”

José Maria adota atitudes diferentes dos demais colegas de rádio e tenta fugir de rótulos evitando andar em grupos durante as coberturas e fazer o trabalho da maneira mais individual possível: “Quando tem uma coletiva, por exemplo, todo mundo vai embora e só eu continuo conversando com o cara. Nisso, consigo muito coisa exclusiva. Antes, era muito comum todos os dias sair no *Globo*, na *Folha*, assim: em entrevista à rádio *Jovem Pan*, não sei quem falou isso e isso, com base na minha matéria. Por quê? Porque eu rodo bastante o Congresso, não ando em bloco”.

Também se tem o entendimento de que os repórteres de rádio trabalham mais, devido ao fato de estarem sozinhos e acumularem várias funções. Em relação aos cinco correspondentes, eles também se diferenciam de repórteres de outras rádios, como os da *CBN* e *BandNews*, pois consideram que precisam tornar tudo compreensível para um público bem específico que os ouve nas regiões de abrangências das emissoras.

5.1.4 De Brasília para o Brasil e o mundo: a apresentação das notícias

Cada um dos cinco correspondentes tem uma maneira única de transmitir as informações para os ouvintes. O sotaque, o jeito de assinar e de construir a notícia são elementos que fortalecem a proximidade com o público e reforçam o estilo da rádio. José Maria Trindade, por exemplo, usa sempre a expressão “pois não” antes de iniciar cada reportagem ou entrada ao vivo. O termo, segundo o repórter serve para criar mais proximidade, parecer educado com o locutor e dar a impressão de que é ao vivo, quando se trata de material gravado.

Romoaldo e Renata têm o sotaque bem característico dos seus estados, Pernambuco e Rio Grande do Sul, respectivamente, mas apresentam as notícias de maneiras bem diferentes. Enquanto a gaúcha fala de forma mais dinâmica, com matérias de no máximo um minuto e 30 segundos, o pernambucano produz um material mais longo, crítico e analítico, que não se limita a apenas informar o fato. O mesmo se percebe em José Maria, sobretudo nas matérias que produz para os dias mais “frios”, em que não há muita pauta, como os fins de semana e a segunda-feira.

A forma com que Cynthia e Gabriela assinam os nomes no fim das notas e matérias são características que marcam bastante e tornam mais fácil a identificação entre elas e a rádio. A repórter da Tupi sempre assina: “A Tupi é o povo, o povo é a Tupi. De Brasília,

Cynthia Ribeiro”. Já Gabriela fica apenas com o “De Brasília, Gabriela Speziali”, mas que é dito de uma forma tão própria que chega a ser imitado por quem a ouve em Minas.

No momento de apresentar as matérias, os critérios de noticiabilidade vêm à tona novamente. Conhecimento do público, impacto e forma de narrar as histórias, clareza, tradução de fatos para que o ouvinte possa entender, objetividade e transparência são critérios comuns que eles utilizam na hora de transmitir as informações.

Porém, isso ocorre de maneira diferente entre os repórteres. Durante a coleta e análise qualitativa das notas e reportagens produzidas por eles em uma semana para os principais programas das emissoras, pode-se perceber com bastante clareza as diferenças entre os estilos das rádios.

Todos os cinco repórteres não produzem matérias somente sobre o Congresso Nacional, apesar de trabalharem principalmente com a cobertura da Câmara e do Senado. Os bastidores e repercussão política, as coletivas nos ministérios, no Planalto e nos tribunais também são pautas recorrentes na rotina desses repórteres, que precisam acumular funções por causa da pouca quantidade de correspondentes que as emissoras mantêm em Brasília.

Em épocas de recesso parlamentar, como o que ocorreu durante a realização da coleta e da observação participante deste trabalho, por causa das eleições, se torna mais comum a realização de pautas de fora do Senado e da Câmara. Isso não significa, porém, que eles deixam de frequentar o Congresso por causa da baixa presença de parlamentares. Com regularidade, os repórteres vão até o Comitê de Imprensa para se certificarem de que não estão perdendo nenhuma informação.

Entre os dias 20 e 26 de agosto de 2014, pelo menos uma mesma pauta foi feita por quatro dos cinco correspondentes: a que tratava sobre as disputas no PSB depois que foi oficializada a candidatura de Marina Silva à Presidência. Romoaldo, Cynthia e Gabriela consolidaram e noticiaram o fato no dia 22 de agosto, um dia depois que ele ocorreu. A repórter da Gaúcha, Renata Colombo, fez o mesmo, porém na tarde do dia 21, horas depois das declarações polêmicas do ex-coordenador da campanha. José Maria Trindade foi o único a não cobrir o assunto, que estava sob a responsabilidade da redação da *Jovem Pan* em São Paulo.

Antes de analisar as produções de cada repórter, é válido comparar como cada um deles enquadrou os desentendimentos entre Carlos Siqueira e Marina Silva nas suas matérias. Romoaldo de Souza noticiou as disputas na coordenação da campanha socialista de maneira

explicativa e interpretativa. Na sonora, ele provoca a fonte e faz uma pergunta envolvendo a viúva de Eduardo Campos, Renata Campos, e consegue uma fala que nenhum dos outros correspondentes usaram. Ao fazer isso, ele tenta atrair mais a atenção do público de Pernambuco. Romoaldo retoma e explica o contexto da informação e consegue aprofundar a notícia.

Cynthia Ribeiro deu destaque à Marina Silva ao informar sobre tais desentendimentos. A frase polêmica de Siqueira também foi reproduzida e deixou registrada a informação, assim como fez Gabriela Speziali. Na matéria das duas há menos detalhes e quase nenhuma ampliação sobre o tema. A repórter da *Itatiaia* trazia a informação bem consolidada, com os motivos que levaram aos desentendimentos no lide. Somente uma sonora foi utilizada, e a frase polêmica de Carlos Siqueira, mandando Marina Silva ir mandar no partido dela, foi dita pela própria repórter. As duas finalizam a informação com o posicionamento do presidente do PSD, Roberto Amaral, a respeito do assunto.

Na *Gaúcha*, Renata Colombo apresentou essa informação de forma bem factual, já que ela havia ocorrido naquele mesmo dia. O lide, apesar de enxuto, foi semelhante aos dos outros colegas. Como vantagem, ela pôde antecipar para os ouvintes o que ocorreria na campanha de Marina Silva nos próximos com as mudanças.

Em relação às matérias sobre o Congresso durante a observação, o repórter José Maria foi o que mais noticiou assuntos relativos à Câmara e ao Senado, embora tenha sido visto apenas uma vez nas Casas durante a observação. Esse fato curioso pode ser explicado pelo fato da crença que ele tem de que “notícia odeia Comitê de Imprensa”, como me disse no nosso primeiro contato na quarta-feira, 20 de agosto. Nesse dia, enquanto conversávamos ele fez uma participação ao vivo para o programa “Pan News”. Sem qualquer tipo de texto em mãos, ele informou sobre o término da reunião que cassou o mandato do deputado André Vargas, ex-PT do Paraná. A notícia foi dada poucos minutos após o fim da sessão, assim como também já havia sido publicada pelos portais de notícia. Se tratando de uma entrada ao vivo, a novidade do fato aparece como um fator principal para transmissão da informação.

Nos outros dias, o material analisado correspondeu ao que foi ao ar durante o “Jornal da Manhã”. O repórter repercutiu a CPI da Petrobras com sonoras das discussões que ocorreram no dia anterior durante a sessão. A cobertura de uma CPI, geralmente, se dá com base no grau de influência e resultados que as investigações podem dar a determinados assuntos. É justificada também pelo fato de ser um tema que, quando polêmico, será intensamente divulgado pelos meios de comunicação.

O repórter também participa do “Jornal da Manhã” com entradas ao vivo. Em uma delas, continuou informando sobre a repercussão da CPI da Petrobras. O contato com as fontes permitiu que ele antecipasse os acontecimentos que estavam previstos para as próximas sessões das investigações. Quando se trata de informação ao vivo, ele costuma repetir o lide no fim da matéria para passar a informação ao ouvinte que possa ter terminado de ligar o rádio.

Na segunda e na terça-feira, as participações de José Maria foram com notas gravadas. Apesar de terem mais de um minuto, em nenhuma delas havia sonoras. A informação da segunda-feira era bem fria e tratava dos temas que os parlamentares deveriam discutir durante a semana de esforço concentrado. Indicava ter sido uma matéria já planejada para o dia, pautada com antecedência para completar e não deixar a programação comprometida durante o início da semana. Na terça, ocorreu o mesmo. Era uma matéria analítica, interpretativa, que falava de como os grupos políticos haviam invertido os papéis no Congresso Nacional e agora estavam com comportamentos trocados.

Nessas duas matérias, observa-se que o repórter exerceu um papel quase de um articulista, especulando sobre os acontecimentos da Câmara e do Senado. É notável também que José Maria se dedica bastante ao Congresso Nacional, uma vez que mesmo durante o recesso não deixou de informar sobre a casa em nenhum dia.

As matérias desse repórter são parecidas com as do colega Romoaldo de Souza, da *Rádio Jornal* de Pernambuco. Os produtos dos dois profissionais são mais críticos e vão um pouco além do que ocorreu no dia. São relacionadas com outros assuntos, partem para a análise, para a interpretação.

No período entre 20 e 26 de agosto, o repórter pernambucano Romoaldo de Souza esteve presente na programação da *Rádio Jornal* em todos os dias, exceto no sábado e no domingo. O primeiro áudio analisado foi de uma entrada ao vivo feita por Romoaldo para a *Rádio JC News*, emissora FM pertencente à *Rádio Jornal*. A informação passada por Romoaldo se deu de forma descontraída, com conversas com o apresentador do programa e até uma saudação mais calorosa no final: “um forte abraço”, disse o jornalista. Durante o vivo, Romoaldo descreveu bem o lugar em que estava, de um modo bastante explicativo e até cômico, já relatando as dificuldades que enfrentava para aquela cobertura. Foi possível observar também, pela nota, que ele tentou enfatizar a importância de autoridades de Pernambuco na informação, citando o prefeito de Recife e o governador do estado.

A conversa seguiu descontraída e os critérios de noticiabilidade usados foram o de importância e os relativos ao meio, devido à visibilidade da formação da chapa entre Marina e Beto Albuquerque, depois da morte de Eduardo Campos e devido a forma despojada de apresentar a notícia que o veículo permite ao profissional.

Ainda nesse primeiro dia, constatou-se que outra informação foi dada levando em consideração o fato de o assunto ser importante e de ter sido divulgado por boa parte dos veículos de comunicação: a quebra de decoro parlamentar do ex-deputado André Vargas. Romoaldo fez questão de dizer que passou lá antes e registrou a informação.

Nos outros dias, as matérias analisadas foram ao ar no programa “Redator de Plantão”, transmitido de 6h às 6h40. Ele seguiu cobrindo a agenda dos presidentes. Sempre citando e relembando a morte do pernambucano Eduardo Campos. Como o público alvo da emissora é de Pernambuco, esse modo de apresentar a notícia reflete que os critérios relativos ao público estão presentes.

Romoaldo expõe as notícias de uma forma crítica, analítica, quase opinativa, porém de fácil entendimento. Nenhuma matéria sobre o Congresso foi feita pelo repórter, embora ele tenha sido visto lá durante um dia, trocando sonoras com os colegas.

Além dos critérios já citados, a cobertura feita por Romoaldo utiliza os critérios substantivos de noticiabilidade, destacando fatos importantes, que podem interferir nos interesses do país e tem proximidade com o público: as eleições presidenciais.

Todos os áudios analisados da repórter Cynthia Ribeiro foram reproduzidos durante o “Programa Haroldo de Andrade”, que vai ao ar de 9h às 12h, com debates, informação, entrevistas, prestação de serviço e temas que interessam diretamente da população do Rio de Janeiro. As matérias são pouco profundas e mais factuais, trazendo um fato que ocorreu no dia anterior.

Nas reportagens foi possível identificar os critérios de noticiabilidade relativos ao público, relativos à concorrência, de importância e de interesse. A primeira delas, sobre a reunião do Conselho de Ética da Câmara que decidiu caçar o mandato do deputado André Vargas, foi amplamente divulgada por outros veículos de comunicação. A sessão em que essa decisão foi tomada estava repleta de jornalistas. É um fato que tem importância pela sua relevância para o cenário político e pela visibilidade.

Para o sábado, quando o programa adquire um tom mais leve, menos factual, a repórter deixou pronta uma matéria com dados sobre a saúde no Rio de Janeiro, demonstrando a preocupação em manter a aproximação e atender os interesses do público.

Na segunda e na terça, o material dizia respeito a uma reunião na Comissão de Direitos Humanos do Senado, o que demonstra que, nesses dias, a rotina dela foi organizada com base na agenda do Congresso. O fato de ser um tema que causa polêmica e interesse no público justifica a produção dessas matérias. Além disso, é um assunto de relevância, que pode alterar regras estabelecidas atualmente e mudar os rumos da política de drogas no país.

A repórter produziu outras matérias considerando a agenda do Congresso. Uma delas antecipava as ações do Conselho de Ética que iria ouvir testemunhas das denúncias contra o deputado Luiz Argôlo (SDD-BA). Nesse caso, ela tentou adiantar o que poderia ocorrer durante essa reunião, algo que é feito com mais frequência por jornais impressos e colunas.

Pelo material analisado, é possível perceber que Cynthia, embora tenha que cobrir Palácio do Planalto e ministérios, se dedica bastante à cobertura do Congresso. Mesmo em dias de pouca movimentação no local, ela procurou por assuntos que rendessem matérias para a rádio. Interessante notar, que o material não necessita ter um caráter de denunciismo ou até mesmo muito crítico. São pautas bem factuais que servem mais como registro para a programação da rádio.

A primeira matéria da repórter gaúcha Renata Colombo já demonstra como a importância, o interesse regional e o público são fatores determinantes nos critérios de noticiabilidade da emissora. Em meio às discussões sobre a nova chapa de Marina Silva com Beto Albuquerque, então candidato ao senado pelo Rio Grande do Sul, Renata levantou uma discussão de quem ocuparia a vaga ao Senado que Albuquerque concorria no estado. É uma pauta que tem relevância, em primeiro lugar, para os gaúchos. Ao especular sobre as chances do senador Pedro Simon, do PMDB do Rio Grande do Sul, ser o novo candidato ao Senado depois das mudanças ocorridas pela morte do então candidato do PSB, Eduardo Campos, nota-se que há uma preocupação em mostrar como os assuntos nacionais influenciam o Rio Grande do Sul.

Renata participa de segunda a sexta do programa “Gaúcha Repórter”, que vai ao ar das 14h às 16h. As matérias ouvidas apresentam um aspecto dinâmico, que fica mais evidente com a voz jovem e versátil da repórter. As entradas da jornalista podem ser ao vivo e/ou gravadas, conforme o dia.

A repórter foi vista poucas vezes no Congresso Nacional durante a semana de observação. A matéria dela que foi ao ar na sexta-feira, 22 de agosto, demonstra que, além de política, ela cobre assuntos econômicos. A notícia sobre a arrecadação de julho se justifica pelo fato de ser algo novo, que trazia dados recentes que estavam relacionados com a Copa do Mundo. Também há, nesse caso, o balanceamento. Para que as participações no “Gaúcha Repórter” não sejam sempre sobre política, a repórter busca outros assuntos para preencher e dinamizar a programação.

Renata não trabalhou durante o fim de semana e estava de folga na segunda-feira, 25 de agosto. Porém, na terça-feira à tarde fez duas entradas ao vivo. A primeira, sobre uma portaria publicada no Diário Oficial da União determinando que as novas universidades de medicina teriam que ajudar o SUS. O Diário Oficial pode ser considerado como uma agenda, onde os decretos publicados em determinado dia acabam por pautar os jornalistas. O assunto tem importância, pois pode mudar os rumos dos cursos de medicina no país. Nesse caso, fica claro que o público e a importância regional são destacadas pelo fato de Renata citar quais cidades do Rio Grande do Sul poderiam aderir ao programa logo no primeiro edital.

A outra participação de Renata foi sobre os processos da Petrobras no Tribunal de Contas da União (TCU). O assunto começou a ser divulgado depois de denúncias feitas por jornais impressos de que a presidente da estatal, Graça Foster, teria transferido imóveis para familiares depois do escândalo envolvendo a empresa. Como as denúncias estavam amplamente presente nos veículos circulação nacional, o assunto entrou na programação da rádio por se esperar que a concorrência também desse destaque ao andamento do processo no TCU. Apesar de as entradas serem ao vivo, todas contavam com sonoras já editadas.

As matérias produzidas por Gabriela Speziali, da *Itatiaia*, seguiram, principalmente, os critérios de importância, relativos ao público e à concorrência. Todas elas foram ao ar no “Jorna da Itatiaia – Primeira Edição” e traziam informações consolidadas do dia anterior

As denúncias da Petrobras foram destaques no material produzido por Gabriela. A repórter utilizou o formato de nota, não ampliou o caso e apenas informou sobre as explicações que a empresa deu sobre as mais recentes denúncias envolvendo grandes nomes da estatal. Como tem uma locução mais lenta, a nota durou um minuto e 20 segundos.

Uma das características da *Itatiaia* é transmitir boa parte das entrevistas que os repórteres fazem com as fontes ou não limitar o tamanho das sonoras para que as explicações fiquem por conta dos entrevistados. Isso foi percebido na matéria sobre a expansão do 4G no

país, que usou os critérios relativos ao público ao pretender mostrar como isso afetaria a qualidade do serviço. O vice-presidente da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), Jarbas Valente, falou por mais de dois minutos, em uma matéria com três minutos e 20 segundos. A sonora não era muito clara e objetiva. Ao fim da fala de Jarbas, a repórter relembrou quem era o entrevistado e finalizou a notícia, sem nenhuma outra informação adicional.

As discussões sobre a legalização do uso medicinal da maconha também foi noticiado por Gabriela, assim como foi feito pela *Tupi*. O tema que causa polêmica e desperta a atenção do público foi tratado de forma humanizada. No lide, a repórter optou por trazer as declarações de uma mãe que defendia o uso do produto por ter um filho com epilepsia que necessita da substância para controlar a doença. As opiniões divergentes e discussões dos deputados foram utilizadas nas sonoras, que por serem de fácil compreensão deram um apelo maior ao produto.

Por fim, no último material analisado, a repórter repercutiu as explicações do PSB sobre o avião que transportava Eduardo Campos, então candidato à Presidência, no dia do acidente. Denúncias da *Folha de São Paulo* afirmavam que o jatinho era investigado pela Polícia Federal por ter sido comprado com dinheiro de caixa dois. Gabriela apenas relatou as explicações do partido em forma de nota. Essa repercussão mostra como os outros veículos, a concorrência, influenciam na produção da correspondente, uma vez que se tratava de um assunto que começou a ser noticiado por um jornal impresso.

Terminadas as análises e as comparações entre as notas e notícias produzidas pelos correspondentes, pode-se afirmar que José Maria Trindade e Romoaldo de Souza têm um estilo crítico, que se aproxima em alguns momentos do trabalho feitos por comentaristas, que interpretam, especulam e aprofundam as notícias. Nota-se que José Maria se preocupa menos que os outros com a questão regional e parece produzir mais pensando no público da capital, São Paulo. Renata Colombo é mais dinâmica, trabalha mais com o imediatismo e foca bastante no público do Sul em suas matérias. Gabriela Speziali, por sua vez, tenta ser mais explicativa, fazendo com as informações sejam humanizadas e facilmente entendidas. A repórter da *Tupi* Cynthia Ribeiro demonstra se preocupar em transmitir o factual, sem ampliar por demais o assunto, e segue a fórmula “o que”, “como”, “onde” e “quando” para construir as notícias.

6. CONCLUSÃO

Desde o início do trabalho, imaginava que os correspondentes de rádio que cobrem o Congresso Nacional tinham uma característica única que os uniam e os diferenciavam dos demais. Sempre acreditei que as emissoras regionais tinham uma aproximação maior com o público e que isso tornaria ainda mais peculiar o trabalho desses repórteres.

Pelas observações, entrevistas e análises feitas, pode-se afirmar que, realmente, há uma cultura profissional específica desses jornalistas. Resultado das aspirações e das rotinas de produção, ela é compartilhada entre eles e norteia o trabalho que é feito. Fica explícito nas matérias que todos tentam, à sua maneira, transmitir confiança e estabelecer uma relação bem próxima com o público. Com isso, pretendem ser vistos como profissionais que transmitem a verdade e podem, dessa forma, falar e representar os ouvintes em Brasília.

Para alcançar essa intenção, os correspondentes precisam lidar com desafios que outros colegas de veículos nacionais não enfrentam ou enfrentam de forma mais branda. Com equipes reduzidas em Brasília, os repórteres acabam atuando em várias posições durante as rotinas de produção. A mais difícil de todas diz respeito ao amplo leque de assuntos que precisam acompanhar na capital federal. Nenhum deles cobre exclusivamente Câmara e Senado e, por serem responsáveis por tudo de relevante que ocorre em Brasília, acabam ficando sobrecarregados em determinados momentos. O repórter que produz mais de três matérias por dia é característica do rádio que fica ainda mais evidente no caso desses correspondentes.

Outra tendência percebida é a do profissional que se pauta, produz e edita a própria matéria. Não há operadores de áudio para editar os produtos dos repórteres e o trabalho técnico fica por conta deles também. Já a imagem do jornalista multimídia, que faz conteúdos para diversas plataformas, não é comum entre os correspondentes. As exceções são José Maria Trindade e Renata Colombo, da *Jovem Pan* e da *Gaúcha*, respectivamente, que publicam em blogs hospedados nos sites das emissoras. No caso de Renata, que trabalha para o grupo RBS, é comum que, quando necessário, ela faça matérias para o jornal *Zero Hora*.

Em relação ao ambiente de trabalho no Congresso, as observações feitas permitem afirmar que há uma separação, talvez natural, entre os repórteres de rádio e de outros veículos. As necessidades são diferentes e os comportamentos também. Isso parece não prejudicar tanto o trabalho dos correspondentes. Embora os políticos prefiram divulgar informações exclusivas para os repórteres de veículos nacionais, os correspondentes têm a vantagem de trabalharem

para emissoras mais próximas dos eleitores dos parlamentares, o que contribui para o relacionamento entre as duas partes.

A independência para definir o que irá cobrir, e que faz parte da rotina desses correspondentes, não está presente na de outros jornalistas que cobrem o Congresso. É uma liberdade falseada, pois, apesar de dizerem que podem cobrir o que desejam, eles sempre acabam seguindo o rumo dos outros veículos. As diferenças estão nos fatos de não terem a presença constante de um chefe determinando os assuntos e de enquadrarem as notícias que todos cobrem de uma maneira diferente, com foco no público regional.

Todos os cinco correspondentes priorizam assuntos que são relevantes para os estados onde estão as emissoras. Uma comparação entre eles permite afirmar que isso é menos comum apenas no trabalho de José Maria Trindade, da *Jovem Pan*, que cobre a política nacional sem dar muito foco para a variedade de público que existe no estado de São Paulo.

Apesar da resistência em afirmarem que a internet os pauta com bastante frequência, as observações revelam que os portais de notícias estão presentes sim na rotina desses correspondentes. No Comitê de Imprensa, entre uma pauta e outra, eles conferem os principais sites para confirmarem que não estão deixando de cobrir o que é importante. Não há, porém, o hábito de reproduzir o conteúdo produzido pelos sites como nota ou matéria.

Por não concorrerem entre si, nem terem concorrentes diretos no Congresso Nacional, os correspondentes ficam em uma situação confortável. Dos cinco entrevistados, apenas Renata Colombo demonstrou interesse em produzir matérias que fujam do factual, exclusivas que gerem repercussão. Os demais afirmam que fazem isso quando é possível, sem que isso seja o principal almejo.

Para os cinco correspondentes, cobrir política é algo de muita relevância que confere visibilidade no jornalismo. Eles consideram estar em um dos níveis mais privilegiados da profissão e daí acreditam que o trabalho que fazem tem muita relevância para o público.

De fato, o trabalho desses repórteres tem muita importância e merece ser valorizado. Por tratarem de assuntos alheios ao da realidade do público das rádios, eles podem agregar valor à programação das emissoras. Podem fazer matérias completamente diferentes das que são feitas pelos repórteres que trabalham na sede das rádios e contribuir para que os ouvintes acompanhem a política nacional de uma maneira mais próxima do público de determinada região. São importantes também para as emissoras que procuram por estratégias para atingir objetivos mercadológicos.

Estudar as rotinas e a cultura desses repórteres contribui para conhecer as nuances da cobertura do Congresso Nacional e compreender que o jornalismo político também deve ser de proximidade. Isso implica deixar de produzir para todos, para um público homogêneo, como fazem os veículos de circulação nacional. Trata-se de criar laços e procurar ter relação com um público específico, que necessita se informar sobre o que acontece em Brasília sem se afastar da realidade do lugar em que vive. Reflexões como essas podem ajudar para que o jornalismo político cumpra de maneira mais eficaz com seu propósito de promover e divulgar informações de utilidade pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rosental Calmon. Radiojornalismo e linguagem coloquial. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio**. Florianópolis: Insular, 2005. p.163-169.
- BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio**. Florianópolis: Insular, 2005. p.327-337.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Roberto de. **Manual de radiojornalismo: produção, ética e internet**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, - 11ª impressão.
- BREED, Warren. **Controlo Social na Redacção: uma análise funcional**. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2ªed. Tradução: Luís Manuel Dionísio. Lisboa: Vega, 1999. p.152-157.
- CABRAL, Eula Dantas Taveira. A regionalização da mídia brasileira. **UNirevista** – Vol.1, nº3, julho 2006, p.1-10.
- COOK, Timothy. O jornalismo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº6. Brasília, julho-dezembro de 2011, p.203-247.
- CHRISTOFOLETTI, R. Indicadores da Qualidade no Jornalismo: políticas, padrões e preocupações de jornais e revistas brasileiros. **Série Debates CI (UNESCO)**, v. 3, 2010.p.1-61.
- DEL BIANCO, Nelia. **Noticiabilidade no rádio em tempos de internet**. In: Biblioteca On Line de Ciências da Comunicação. 2005. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-noticiabilidade-radio-tempos-internet.pdf> Acesso em: 02 de setembro de 2014.
- _____. Radiojornalismo em Mutação na Era Digital. Disponível em: <<http://repositorio.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17663/1/R0278-1.pdf>> Acesso em: 22 de agosto de 2014 s/da.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. IN: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (organizadores). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- FELTRIN, Ricardo. Enquanto isso, em AM. **F5/Folha de São Paulo**, 19 de setembro de 2014. Disponível em: < <http://f5.folha.uol.com.br/colunistas/ricardofeltrin/2014/09/1518286-patricia-poeta-vai-ficar-mais-de-ano-na-geladeira.shtml?cmpid=%22facefolha%22>>. Acesso em 20 de setembro de 2014.

FILHO, André Barbosa. **Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

FSB. **Mídia e política 2013: hábitos de informação e monitoramento político**. Brasília.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas 2012

Hohlfeldt, A – “ Hipóteses Contemporâneas de Pesquisa em Comunicação ”, in Hohlfeldt, A.; Martino, L.C.; França, Vera V . – **Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 187-240.

HISTÓRICO DA RÁDIO JORNAL. Rádio Jornal. Disponível em: <<http://radiojornal.ne10.uol.com.br/historico>>. Acesso em 15 de setembro de 2014.

IBOPE confirma: Rádio Jornal é o primeiro lugar em audiência há mais de 23 anos. Rádio Jornal, 27 de junho de 2014. Disponível em: <<http://radiojornal.ne10.uol.com.br/2014/06/27/ibope-confirma-radio-jornal-e-o-primeiro-lugar-em-audiencia-ha-23-anos/>>. Acesso em 20 de setembro de 2014.

LOPEZ, D. C. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã, Portugal: LabCom, 2010. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf> . Acesso em 24 de agosto de 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo Político**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARTINS, Luiz da Silva. Jornalismo e Interesse Público. IN: SEABRA, Roberto; Souza Vivaldo (orgs). **Jornalismo Político**. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 45-87.

MASSIERER, Carine. O olhar jornalístico sobre o meio ambiente. Um estudo das rotinas de produção nos jornais Zero Hora e Correio do Povo. **Dissertação**. (Mestrado em Comunicação e Informação). Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM), Porto Alegre, 2007.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente da produção radiofônica**. Tradutor: Mauro Silva. São Paulo: Summus, 2001.

MIGUEL, Luis Felipe. **Os meios de comunicação e a prática política**. Lua Nova, São Paulo, n.55-56, p. 155-184, 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ln/n55-56/a07n5556.pdf> >. Acesso em: 22 de agosto de 2014.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação de conteúdo**. São Paulo: Summus, 1985.

PANORAMA: 104 FM amplia liderança. Rádio Gaúcha avança no ranking. **TudoRádio**, 22 de abril de 2014. Disponível em: < <http://tudoradio.com/noticias/ver/10897-panorama-104-fm-amplia-lideranca-radio-gaucha-avanca-no-ranking> >. Acesso em 20 de setembro de 2014.

PANORAMA: Super Rádio Tupi e Melodia crescem no FM do Rio de Janeiro. TudoRádio, 7 de agosto de 2014. Disponível em: < <http://tudoradio.com/noticias/verimp/11513-panorama-super-radio-tupi-e-melodia-crescem-no-fm-do-rio-de-janeiro> >. Acesso em 20 de setembro de 2014.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, p. 67-84, 1º sem. 2005.

_____ Observação Participante e pesquisa-ação. IN: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (organizadores). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

PINTO, Ana Estela de Souza. **Jornalismo Diário: reflexões, recomendações, dicas e exercícios**. São Paulo: Publifolha, 2009.

RÁDIO Itatiaia segue líder em Belo Horizonte. **Rádioneócios**, 17 de junho de 2014. Disponível em: < <http://radioenegocios.com.br/radio-itatiaia-segue-lider-em-belo-horizonte-alvorada-fm-cresce-e-ganha-posicao/> >. Acesso em 20 de setembro de 2014.

RÁDIO Itatiaia. **Rádio Itatiaia**. Disponível em: < <http://www.itatiaia.com.br/sobre/radio-itatiaia> >. Acesso em 15 de setembro de 2014.

RÁDIO Jovem Pan. **Rádio Jovem Pan**. Disponível em: < <http://jovempan.uol.com.br/page/sobre/> >. Acesso em 15 de setembro de 2014.

RÁDIO Tupi AM. **Diários Associados**. Disponível em: < http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=47 >. Acesso em 15 de setembro de 2014.

RODRIGUES, Malena Rehbein. **Imprensa e Congresso ou como a mídia pauta a política**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002.

SANTOS, Maria Cláudia. A importância do noticiário local de rádio em tempos de globalização: uma análise da opinião dos ouvintes da Rádio Itatiaia. XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010, P.1-15

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (Brasil). Pesquisa Brasileira de Mídia 2014. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>>.

Acesso em 20 de agosto de 2014.

SERRANO, Estela. A dimensão política do jornalismo. **Comunicação e Cultura**, nº2, 2006, p.63-81.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Sumus, 1993.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação de massa**. 3ª ed. Tradução: Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ANEXO 01

Roteiro de Entrevista

Há quanto tempo trabalha cobrindo o Congresso Nacional?

Além de você, quantos repórteres a emissora tem aqui em Brasília?

Como é decidida as pautas que você irá cobrir?

Quais critérios utiliza para selecionar as notícias?

Como a concorrência influencia na pauta?

A emissora tem preferência por assuntos do dia ou pautas especiais?

Qual a orientação da emissora em relação aos fatos que ocorrem no Congresso? Pedem para que você cubra plenário, comissão ou bastidores?

Na cobertura do Congresso, conseguir um material exclusivo é algo relevante para a emissora?

O fato de ter que cobrir assuntos fora do Congresso prejudica, de alguma forma, sua produção?

Você sente que os políticos tentam influenciar no trabalho dos jornalistas?

Por ser de uma emissora regional, você tem um assédio maior de políticos que estão no estado onde a emissora tem mais audiência? Há uma diferenciação?

Como você se precaver da tentativa dos políticos de influenciar a notícia?

Você tem muitas oportunidades de exclusivas com parlamentares?

Qual a relação entre você e os assessores de imprensa dos parlamentares?

Qual a relação entre você e os outros jornalistas que cobrem o Congresso?

Como você procura manter a credibilidade diante dos seus colegas?

Na apresentação das notícias, procura uma linguagem regional para a população entender a notícia?

Que desafios você enfrenta como repórter de rádio de uma emissora regional?

Qual papel você acredita que o jornalista político tem para o público?

ANEXO 02

Romoaldo de Souza - *Rádio Jornal*

20 DE AGOSTO DE 2014 - JC NEWS (4'42'')

Locutor: Com as informações de Brasília, Romualdo de Souza. Boa tarde, Romoaldo!

Romoaldo: Olá, Rhaldney! Muito boa tarde, boa tarde também para o ouvinte da JC News. Eu estou aqui do lado de fora da sede do PSB. Não tem a menor chance de entrar lá. Aqui eu diria que tem mais de 200 jornalistas e só de correligionários de Marina Silva e Beto Albuquerque tem outros 200. Lá dentro não cabe nem 100. Ou seja, tá indo gente pela janela. Tem gente pendurada aqui pela janela, Rhaldney!

Locutor: Rapaz... Bom, e do que está acontecendo aí, a gente já imagina: a apresentação, as informações sobre a nova composição da chapa que nós já adiantamos ontem. E o que mais você tem para falar aí sobre esse encontro?

Romoaldo: Bom, primeiro a Marina ainda não chegou. O encontro estava marcado para às três horas, já são cinco e quinze, cinco e doze... a Marina ainda não chegou por aqui não. Chegaram outros correligionários, como o governador de Pernambuco, que não falaram com a imprensa. O governador de Pernambuco, João Lira, o ex-ministro da Integração Nacional Fernando José Coelho, o prefeito de Recife, ninguém quis falar com a imprensa. Eu não sei o que está acontecendo. Só a simpatia do Beto Albuquerque, aliás, esse falou e falou muito. O candidato a vice disse que se tinha alguma aresta a ser quebrada, essa aresta em relação ao nome de Marina Silva, que era candidata a vice na época do Eduardo Campos, e agora candidata a presidência da República, já estão sendo aparadas. Beto Albuquerque disse que a questão do agronegócio, que aparentemente seria um problema para a candidatura de Marina Silva, foi quebrada duas semanas atrás, quando o Eduardo Campos foi lá e disse que o programa do PSB, e que a Marina Silva fazia parte, que a Marina Silva tinha assinado, é um programa que quer, pelo contrário, fortalecer o setor do agronegócio. E como disse o Campos lá ao setor produtivo, hoje Beto Albuquerque repetiu: se tem uma coisa que essa chapa do PSB vai fazer é evitar a politização do setor do agronegócio. Beto Albuquerque afirmou que quando a presidente Dilma Rousseff, já no governo do presidente Lula, assumiram o Palácio do Planalto, o governo do PT fez com que o modelo da agricultura fosse compartilhada, dividido, distribuído, dividido entre os aliados. E agora, não, ao contrário, na gestão do PSB, segundo disse Beto Albuquerque, vai ser um setor de técnicos:

Beto Albuquerque (sonora): Todos os assuntos das indústrias, dos trabalhadores, da juventude, das cidades, dos transportes, da agricultura, da pecuária, estão claramente colocados no nosso programa de governo. O nosso presidente junto... o Eduardo Campos com Marina esteve na CNA não tem duas semanas mostrando ali os nossos compromissos com a agricultura, a agricultura brasileira não é uma coisa de você ter relação ou não com agricultura, você tem que ter respeito com a agricultura brasileira que é um motor importante de geração de emprego, de renda, de desenvolvimento em grande parte dos estados brasileiros e tem que ser administrada por quem sabe. Não ser loteada, fatiada por partidos políticos como o atual governo fez.

Romoaldo: Ou seja, em última análise o PSB já resolveu o grande problema que era apresentar Marina Silva como administradora que vai respeitar regras, que vai se encontrar e vai dialogar com o setor do agronegócio. Rhaldney

Locutor: Ok, vamos aguardar, então, porque você está com plantão bem programado para esse seu final de dia, hein?

Romoaldo: Eu estou literalmente encostado numa árvore, porque aqui quando você encontrar um canto para se encostar, é bom já se encostar, porque não tem lugar para sentar, tem que se encostar. Tô encostado num canto de uma árvore. E tenho uma última informação: eu passei antes de vir para cá na Câmara dos Deputados. Hoje houve uma reunião do Conselho de Ética que analisou o relatório do deputado Júlio Delgado pedindo, recomendado a cassação do deputado André Vargas, ex-PT do Paraná. Por unanimidade, o Conselho de Ética aprovou o relatório dizendo sim que houve envolvimento de André Vargas com o esquema do doleiro Alberto Yussef, preso na Operação Lava Jato e agora esse relatório aprovado pelo Conselho de Ética vai ao plenário da Câmara. Aí você me pergunta: quando? Eu respondo: só Deus sabe. Rhaldney

Rhaldney: ok. Vamos ficar aguardando. Um bom trabalho para você, amigo. Vamos ficar aí também nas informações que você vai ficar fazendo e mandando pra gente. Abraço!

Romoaldo: Forte abraço!

21 DE AGOSTO - REDATOR DE PLANTÃO (3'16'')

Romoaldo: Assim como boa parte do PSB de Pernambuco torceu o nariz para a escolha do deputado Beto Albuquerque, do Rio Grande do Sul, para a candidatura de vice-presidente, partidos da coligação como o PHS, não ficaram nada satisfeitos com a decisão de compor a chapa sem que uma consulta fosse feita antes do anúncio. Pode ter sido por isso que a ex-senadora Marina Silva, que tinha marcado reunião com a executiva nacional do PSB para às 15h, acabou chegando só às 20h, e ainda bateu pé dizendo que não vai subir em palanque nos estados onde ela não concordar com as alianças, em São Paulo, onde o PSB fez aliança com o candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, no Rio de Janeiro no palanque de Lindberg Farias do PT, e no Paraná nos comícios de Beto Richa do PSDB. A justificativa de Marina Silva é que o acordo que ela tinha feito com o ex-governador de Pernambuco, Eduardo Campos, previa que ela não subiria em palanque que não aprovasse. Agora que Marina Silva passou à condição de candidata à presidente, fica mantido o acordo, nesses estados o candidato a vice, o deputado Beto Albuquerque, é quem vai representar a coligação.

Marina Silva (sonora): O PSB tinha o direito de ter essas alianças, onde diz que eu seria preservada de ter que apoiá-las. Permanece o mesmo enquadre que fizemos. O PSB mantém as suas alianças. O Beto representará o PSB junto a essas alianças, e eu estarei ao lado dos candidatos do PSB, e eu continuo preservada...

Romoaldo de Souza: A outra aresta que ainda não está totalmente resolvida são as críticas de Marina Silva ao setor do agronegócio. Ontem o deputado Beto Albuquerque se apressou em diminuir as divergências.

Beto Albuquerque (sonora): O Eduardo Campos, com Marina, esteve na CNA, mostrando ali os nossos compromissos com a agricultura. E a agricultura brasileira não é uma coisa de você ter relação ou não com o agricultor, você tem que ter respeito com a agricultura brasileira que é um motor importante de geração de renda, de emprego, do desenvolvimento em grande parte dos estados brasileiros, e tem que ser administrada por quem sabe, não ser loteada ou fatiada por partidos políticos como o governo atual fez.

Romoaldo de Souza: O presidente nacional do PHS, Eduardo Machado, considerou apressada a decisão do PSB em fechar a chapa puro-sangue com candidato a presidente à vice da mesma legenda sem ouvir a opinião dos aliados. Machado confidenciou que foi uma forma deselegante de fazer política excluindo os aliados da conversa. Já o PSB de Pernambuco, tinha esperança de que o candidato a vice-presidente fosse indicado pelo partido no estado e de preferência alguém muito próximo do ex-governador Eduardo Campos, morto na quarta-

feira da semana passada em um acidente aéreo no litoral paulista. Rádio jornal, rádio notícia. De Brasília, Romoaldo de Souza!

22 DE AGOSTO – REDATOR DE PLANTÃO (2'42")

Romoaldo: A campanha de Marina Silva rumo ao Palácio do Planalto nem bem foi lançada e já revelou disputas internas que acabaram provocando desentendimentos que vieram a público ontem quando a ex-senadora pediu para substituir o secretário-geral do PSB, Carlos Siqueira, da coordenação. Ontem mesmo o presidente do partido, Roberto Amaral, informou que a deputada federal Luiza Erundina, de São Paulo, vai assumir o comando-geral da campanha. Carlos Siqueira era o coordenador da campanha de Eduardo Campos, morto em um acidente aéreo nove dias atrás no litoral paulista. Nesta quinta-feira, depois de perder o cargo, Carlos Siqueira disse que vai procurar Renata Campos, viúva e Eduardo Campos, para relatar como o grupo e Marina está assumindo os pontos-chaves da campanha.

Romoaldo (sonora): O senhor vai ligar para a Renata para contar isso? A Renata Campos?

Carlos Siqueira (sonora): Ela não deve saber o que está se passando. Ela não falou comigo, mas se ela souber, ela é uma mulher inteligente e capaz, vai saber que nós não podemos oferecer o partido a uma candidatura que procede dessa maneira.

Romoaldo: E mandou um duro recado a ex-senadora

Carlos Siqueira (sonora): Não tenho mágoa nenhuma. Apenas eu acho que quando se está numa instituição, como hospedeira, como ela é, tem que se respeitar a instituição. Não se pode querer mandar na instituição. Ela vá mandar na Rede dela, no PSB mandamos nós.

Romoaldo: Quando Siqueira disse que Marina Silva é hospedeira do PSB estava recordando que a candidata só se aliou a Eduardo Campos no ano passado porque não conseguiu registrar na Justiça Eleitoral a Rede Sustentabilidade, partido que estava fundando. Ontem, Marina Silva atribuiu a explosão de Carlos Siqueira ao momento de dor que os socialistas estão vivendo com a morte de Eduardo Campos.

Marina Silva (sonora): O que eu atribuo a gravidade do momento, ao tensionamento. Os brasileiros todos me conhecem. Sabem como eu tenho profundo respeito pelas pessoas, ainda mais nesse momento de dor. Então, é um momento difícil para todos nós. A que ter a compreensão com as sensibilidades das pessoas. Eu prefiro sofrer uma injustiça do que praticar uma injustiça.

Romoaldo: Quem tentou diminuir a importância da briga de Carlos Siqueira com Marina Silva foi o presidente nacional do PSB, Roberto Amaral.

Roberto Amaral (sonora): Não há nenhum ruído entre o PSB e a Rede. Não há ruído, o PSB tá unido em torno da campanha, a Rede está unida em torno da campanha. O PSB e a Rede estão unidos.

Romoaldo: Marina Silva também exigiu que fosse trocado o comando financeiro da campanha. Basileu Margarido, ex-presidente do IBAMA, é quem vai ser responsável por captar recursos e fazer a prestação de contas na Justiça Eleitoral. Rádio Jornal, rádio notícia!

25 DE AGOSTO - REDATOR DE PLANTÃO (2'45'')

Romoaldo: A candidata do PT à presidência da República, Dilma Rousseff, aproveitou o domingo que estava sem agenda, chamou jornalistas de plantão no Palácio da Alvorada para fazer elogios ao ex-presidente Getúlio Vargas, lembrando que ontem fez 60 anos do suicídio o ditador. Dilma usou a entrevista para alfinetar a candidata do PSB Marina Silva, que no sábado, no Recife, tinha elogiado o ex-presidentes da República Itamar Franco, Fernando Henrique e Lula, dizendo que Brasil precisava de estadistas e não de uma gerentona. Para Dilma Rousseff, Marina Silva está confundindo presidencialismo com reinado.

Dilma (sonora): Eu acho que o pessoal tá confundindo o presidente da República com algum rei ou rainha de um país constitucional que, de fato, só tem a representação.

Romoaldo: Neste domingo, a candidata do PSB Marina Silva foi a São Paulo visitar o Centro de Tradições Nordestinas e disse na capital paulista que o Nordeste vai ser prioridade no governo dela, lembrando que o programa de transposição do Rio São Francisco já fazia parte dos planos de Eduardo Campos, morto no dia 13 de agosto em um acidente aéreo no litoral paulista. Marina Silva disse que a nova chapa encabeçada por ela e Beto Albuquerque candidato a vice vai fortalecer essa iniciativa e voltou a defender a continuidade de um dos carros chefes da campanha do PT, o Bolsa Família, porque segundo ela se trata de uma conquista dos brasileiros.

Marina (sonora): É de manutenção desse programa entendendo que ele é uma conquista da sociedade brasileira e que deve ter continuidade em qualquer que seja o governo.

Romoaldo: No Rio de Janeiro, no Centro de Atendimento a Idosos, o candidato do PSDB, Aécio Neves, prometeu que vai reajustar as aposentadorias e com base nos índices de inflação

para que não ocorram perdas salariais e assegurou que os aposentados vão ter subsídios para custear as despesas dos remédios. O senador não disse de onde vai tirar os recursos para essas despesas, nem quanto vão custar ao Orçamento da União.

Aécio (sonora): Nós incorporaremos, além do aumento real do salário mínimo, um aumento especial para os aposentados, levando em consideração, além do índice já acertado, também o aumento de medicamentos.

Romoaldo: Hoje Aécio Neves permanece no Rio de Janeiro, onde faz caminhada. Marina Silva fica em São Paulo para visitar a feira do livro e candidata do PT, Dilma Rousseff, se melhorar da voz, que está rouca, grava mensagem que será exibida nesta segunda-feira à noite, quando da inauguração do comitê de campanha no bairro da Boa Vista, no Recife. Rádio Jornal, rádio notícia!

26 DE AGOSTO - REDATOR DE PLANTÃO (1'47'')

Romoaldo: A candidata do PSB, Marina Silva, prometeu que não passa desta terça-feira e o partido vai dar uma explicação ao país sobre a situação do avião que transportava o ex-governador Eduardo Campos, que caiu no litoral paulista em 13 de agosto, matando todos os ocupantes. Segundo apurou um jornal paulista, a Polícia Federal suspeita que o avião teria sido comprado ilegalmente, uma vez que a empresa que adquiriu a aeronave está em recuperação judicial e, por isso mesmo, teria usado caixa dois. Ontem, Marina Silva disse em São Paulo que a direção do PSB está juntando informações para dar as explicações. Em Brasília, a candidata do PT, Dilma Rousseff, cobrou explicações de Marina Silva dizendo que numa campanha, os candidatos devem ser transparentes.

Dilma (sonora): Acredito que nós, que somos candidatos, inexoravelmente, temos que dá explicação de tudo. Especificamente sobre o tema, eu não tô assim extremamente atualizada. Acontece que independente de eu tá atualizada ou não, é uma questão, é igual cês fazem comigo. Cês fazem uma pergunta, eu tenho que responder. Agora, acho que candidato a qualquer cargo eletivo tá sujeito a ser perguntado sobre qualquer questão e deve responder.

Romoaldo: Já o candidato do PSDB, Aécio Neves, esteve ontem no centro Rio de Janeiro onde defendeu a originalidade do programa de campanha dizendo que os tucanos são os únicos que não copiam propostas dos outros concorrentes. Nesta terça-feira, os principais candidatos à Presidência da República participam, em São Paulo, do primeiro debate na televisão. Será o primeiro confronto entre eles. Rádio Jornal, rádio notícia!

ANEXO 03

Cynthia Ribeiro - *Tupi*

21 DE AGOSTO - PROGRAMA HAROLDO DE ANDRADE (2'36'')

Cynthia: Bom dia, Haroldo! Por unanimidade, o Conselho de Ética da Câmara dos Deputados aprovou relatório do deputado Júlio Delgado, que recomenda a cassação do deputado André Vargas, acusado de fazer lobby em favor do doleiro Alberto Yussef, preso na Operação Lava Jato. O relator avalia que o colega quebrou o decoro parlamentar a ajudar o laboratório do doleiro, o Labogem, a fechar contrato com o ministério da saúde e ao viajar em jato particular alugado por Yussef, o que comprovaria a relação íntima dos dois. O advogado de André Vargas, Michel Saliba, avisou que o deputado vai recorrer da decisão à Comissão de Constituição e Justiça e ao Judiciário.

Michel Saliba (sonora): não se garantiu ao deputado a oitiva quando ele, pessoalmente, requereu no Conselho de Ética que fosse ouvido no dia 6, isso no dia 5, perante todos isso foi indeferido e porque se fere o princípio do juízo natural. Criou-se um tribunal de exceção, com a surpresa de dois novos membros, sendo apresentados na décima hora, dez minutos antes da votação. Então, não participaram do relatório do voto e nós entendemos que isso fere o princípio do juízo natural.

Cynthia: A palavra final sobre a cassação do mandado de André Vargas cabe agora ao plenário da Câmara em votação aberta, o que deverá ocorrer já no esforço concentrado do dia dois de setembro. Como destacou o relator Júlio Delgado.

Júlio Delgado (sonora): Com o apelo que tá, com a força do nosso relatório e confirmado por esses depoimentos posteriores que não estão no voto, eu não sei se ele terá sucesso nos recursos que aí o advogado terá que fazer para tentar impedir essa votação no esforço concentrado. Não conseguindo, como já não conseguiu em etapas anteriores antes de chegar na Justiça, o processo tá pronto e o presidente Henrique Alves tem toda prerrogativa de marcar a sessão de votação.

Cynthia: Após as denúncias, André Vargas foi obrigado a renunciar a vice-presidência da Câmara e a se desfilar do PT depois do isolamento imposto pelo partido para não prejudicar a campanha da presidenta Dilma à reeleição. Para aprovar a cassação no plenário da Câmara são necessários 257 votos favoráveis. A Tupi é povo. O povo é a Tupi! De Brasília, Cynthia Ribeiro!

22 DE AGOSTO - PROGRAMA HAROLDO DE ANDRADE (2'33'')

Cynthia: Bom dia, Haroldo! Em meio a resistência dos partidos nancicos da coligação do PSB em aceitar a nova chapa, a candidata Marina Silva disse que ouviu um mal entendido na saída do secretário geral do partido Carlos Siqueira da coordenação da campanha. Siqueira, que era muito próximo do ex-governador morto em um acidente aéreo em São Paulo, teria dito aos colegas que foi tratado com grosseria pela ex-senadora ao ser comunicado por ela que seria substituído na coordenação. Na reunião com dirigentes do PSB na quarta-feira, Marina decidiu nomear dois integrantes da Rede para a coordenação o deputado Walter Feldman e Basileu Margarido para titular do comitê financeiro da campanha. Marina Silva, no entanto, ressaltou que em momento nenhum pensou em interferir na coordenação da campanha do PSB.

Marina Silva (sonora): Talvez o doutor Amaral possa falar sobre esse equívoco. Essa incompreensão que está acontecendo e que eu a gravidade do momento, ao tensionamento. Ainda mais sendo o Carlos Siqueira que foi a pessoa que tanto nos acolheu.

Cynthia: Questionado sobre a desistência, Carlos Siqueira acusou a nova candidata do PSB de querer mandar no partido.

Carlos Siqueira (sonora): Não aceito, não continuarei na coordenação da campanha porque o meu compromisso era com Eduardo Campos e acho que ela não representa o legado dele. Ela está muito longe de representar o legado dele. Porque ela é muito diferente política e ideologicamente, em todos os sentidos. Não, magoado, não. Apenas eu acho que quando se está numa instituição como hospedeira, como ela é, tem que se respeitar a instituição. Não se pode querer mandar na instituição. Ela vá mandar na Rede dela, no PSB mandamos nós.

Cynthia: O presidente do PSB Roberto Amaral negou que houve ruído entre o partido e a Rede. Ele avalia que houve uma reação puramente pessoal, sem nenhum conteúdo político na saída do coordenador da campanha de Eduardo Campos. A Tupi é povo. O povo é a Tupi! De Brasília, Cynthia Ribeiro!

23 DE AGOSTO - PROGRAMA HAROLDO DE ANDRADE (2'47'')

Cynthia: Bom dia, Haroldo! O presidente do Conselho Federal de Medicina, Roberto Dávila, revelou que o Rio de Janeiro é o estado que tem mais fila de espera no Brasil. Segundo ele, o Rio é um retrato do que ocorre em toda a região Sudeste que por ser mais populosa sofre com falta de médicos e estrutura na rede pública de saúde. Pesquisa Datafolha encomendada pelo Conselho revela que das duas mil quatrocentas e oito pessoas entrevistadas no país, setecentas e vinte cinco estão esperando a marcação ou realização de algum serviço no Sistema Único de Saúde ou tem alguém da família nessa situação. Dessas, 47% aguardam atendimento a mais de um mês e 29% estão a mais de seis meses na fila de espera. A maioria dos pacientes são mulheres, entre 25 e 55 anos, de classes sociais mais baixas, que moram em regiões metropolitanas e na região Sudeste do Brasil. Citando dados, de um levantamento realizado pela Defensoria Pública da União, Roberto Dávila lembrou que o Rio de Janeiro tem treze mil pessoas aguardando cirurgia nos hospitais federais.

Roberto Dávila (sonora): É o lugar hoje, já descrito por outras pesquisas, como o lugar que tem mais fila de espera, inclusive atingindo crianças, 13 mil pessoas aguardando em fila de espera de mais de um ano, inclusive. E tem muitos hospitais federais, tem hospitais municipais, a rede federal e municipal é uma das maiores do Brasil e essa rede está no Rio de Janeiro. Por que não funciona? Porque fecharam leitos, porque pagam mal, porque não tem material e equipamentos. E eu não tô falando só de médicos. É todo grupo da saúde. Os enfermeiros estão passando por isso, os técnicos de enfermagem. É toda área da saúde.

Cynthia: A Defensoria Pública fez o levantamento com base em documentos dos hospitais federais da Lagoa Cardoso Fontes, de Bom Sucesso, de Ipanema, do Andaraí e dos servidores. O Ministério da Saúde acusou o Conselho Federal de Medicina de tentar desconstruir o SUS e lamentou interpretação tendenciosa e parcial dos dados da pesquisa Datafolha. A Tupi é o povo. O povo é a Tupi! De Brasília, Cynthia Ribeiro!

25 DE AGOSTO - PROGRAMA HAROLDO DE ANDRADE (2'37'')

Cynthia: Bom dia, Haroldo! A Comissão de Direitos Humanos do Senado retoma nesta segunda-feira a série de audiências públicas sobre a regulamentação do uso recreativo, medicinal ou industrial da maconha. Essa é a terceira das oito sessões marcadas pelo senador Cristovam Buarque. A partir do debate, ele decidirá se irá aproveitar um projeto de lei ou até mesmo um plebiscito sobre o tema. Na primeira sessão, foi discutida a experiência do

Uruguai na regulamentação do uso da maconha. Na segunda, o debate foi sobre se maconha serve como porta de entrada para outras drogas e o uso medicinal da erva relatada por o pai de uma menina que melhorou após tratamento com remédio a base de canabidiol. Cristovam Buarque destacou que foi muito criticado por abordar o tema, mas que não podia se omitir, já que a legislação atual não está reduzindo as mortes e o tráfico de drogas. O senador ressaltou que essa foi uma sugestão popular para formular um projeto de lei que não será arquivada.

Cristovam Buarque (sonora): Primeiro que não se trata de legalização, legalização é permitir. É de regulamentação. Permitir sob certas condições. O próprio cigarro hoje é regulamentado. Então, a gente tem que procurar como regulamentar, mas eu vou tentar encontrar uma posição firme, clara. Eu espero até o fim do ano apresentar uma proposta. Pelo arquivamento não será.

Cynthia: Nesta semana foram convidados especialistas do Ministério da Saúde, da Universidade de Brasília, do Conselho Federal de Psicologia, do escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes e do Centro Brasileiro de Estudos da Saúde. A população pode participar do debate pelo número 0800-612211 ou pelo www.senado.gov.br/ecidadania. Repetindo: www.senado.gov.br/ecidadania. A Tupi é o povo. O povo é a Tupi! De Brasília, Cynthia Ribeiro!

26 DE AGOSTO - PROGRAMA HAROLDO DE ANDRADE (2'45'')

Cynthia: Bom dia, Haroldo! Em audiência no Senado sobre a regulamentação do uso da maconha no Brasil, a assessora do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas, Nara Santos, defendeu separar o debate sobre o uso medicinal do canabidiol do recreativo da droga. Essa é terceira audiência proposta pelo senador Cristovam Buarque para discutir a sugestão de um projeto de lei que regulamente o uso medicinal, industrial e recreativo da maconha no país, a exemplo do que ocorre nos Estados Unidos e no Uruguai. A sessão desta segunda-feira avaliou as experiências de uso de substâncias contidas na maconha para tratamento de doenças, como a epilepsia. Segundo Nara Santos, apesar de a ONU não ser favorável ao uso recreativo da maconha, também não recomenda a proibição da pesquisa com drogas ilícitas para uso medicinal e científico.

Nara Santos (sonora): As pessoas precisam entender a diferença entre uso recreativo e uso medicinal. Até porque, as convenções da ONU sobre drogas, as três convenções, elas claramente fazem essa diferenciação e recomendam a utilização de substâncias que são

controladas internacionalmente para uso medicinal e científico. Então a pesquisa ela não é proibida. Não há nada nas convenções que limite ou que proíba a utilização de pesquisas com drogas ilícitas e o uso medicinal.

Cynthia: Mãe de um jovem de 21 anos que tem epilepsia grave, Luciana Bezerra conseguiu uma liminar na justiça para usar um óleo derivado da maconha. Ela conta que o filho toma o canabidiol há 16 dias e já teve melhoras nas convulsões apesar da dosagem pequena.

Luciana Bezerra (sonora): A nossa luta é pela vida e é isso que eu peço aos senhores encarecidamente. Discutam essa nossa urgência de um projeto de lei que libere o uso medicinal. O CBD, o canabidiol é um dos componentes, mas existem vários. Não fechemos as portas à pesquisa. O nosso país tá muito atrasado. E nós precisamos de urgência, porque o nosso tempo é curto. Vitor sofrer 200 convulsões desse tipo num mês, não é fácil.

Cynthia: Diante do apelo de especialistas e familiares de pacientes que fazem tratamento com canabidiol, Cristovam Buarque vai apresentar nas próximas semanas parecer favorável à criação de um projeto que regulamenta apenas o uso medicinal da maconha. A Tupi é o povo. O povo é a Tupi. De Brasília, Cynthia Ribeiro!

27 DE AGOSTO - PROGRAMA HAROLDO DE ANDRADE

Cynthia: Bom dia, Haroldo! O relator do processo contra o deputado Luiz Argôlo no Conselho de Ética da Câmara, deputado Marcos Rogério, afirmou que até o dia 10 de setembro vai concluir seu parecer sobre a suspeita de envolvimento do colega com o doleiro Alberto Youssef, preso na Operação Lava Jato. Argôlo é processado por quebra de decoro parlamentar após a Polícia Federal ter encontrado indícios de que Youssef repassou 120 mil reais para o chefe de gabinete do parlamentar. O doleiro também teria intermediado a compra de dois caminhões com bezerros para o deputado. Segundo Marcos Rogério, no esforço concentrado da Câmara na próxima semana, o colegiado deverá ouvir as últimas testemunhas do caso, entre elas, a ex-contadora de Youssef Meire Poza, que será novamente convidada.

Marcos Rogério (sonora): Uma das convidadas será certamente a senhora Meire Poza que foi arrolada pela defesa e as demais testemunhas que foram arroladas e ainda não compareceram eu vou fazer mais um convite. As que aqui comparecerem serão ouvidas nesta data. Por parte do relator, é a última data de convite para aqueles que já foram apresentados. Portanto, a partir dali nós vamos fazer os convites também para que o Conselho possa ouvir o

deputado Luiz Argolo, ele é o último a falar. O prazo final para a conclusão da instrução é o dia 10 de setembro. Portanto, até lá, eu tenho essa flexibilidade para ouvir as testemunhas.

Cynthia: Em seu último depoimento, Meire Poza confirmou que Luiz Argôlo “tinha parcerias em obras e negócios” com o doleiro. De acordo com ela, o deputado é sócio de Youssef na empreiteira Malga Engenharia, que chegou a ser subcontratada pela construtora Delta para duplicar uma estrada no Paraná, a BR 163, num contrato de R\$ 115 milhões com o Dnit. A Tupi é o povo! O povo é a Tupi! De Brasília, Cynthia Ribeiro!

ANEXO 04

Renata Colombo – *Gaúcha*

20 DE AGOSTO - GAÚCHA REPÓRTER (1'39'')

Renata: O Senador Pedro Simon não foi convidado oficialmente por Marina Silva para concorrer a mais um mandato no Senado pelo Rio Grande do Sul nestas eleições. Ele veio a Brasília a convite dela, mas alega que somente para aconselhá-la, devido à proximidade dos dois. A vaga ao senado pela aliança PSB/PMDB, porém, está em aberto no estado já que o atual, Beto Albuquerque, concorrerá como vice-presidente na chapa de Marina. Tanto os dois como lideranças do partido, no entanto, apoiam a candidatura de Simon como um nome forte e de consenso para manter a aliança dos partidos no estado. O senador diz que se o cardiologista doutor Fernando Luquese liberasse, ele até iria.

Simon (sonora): O meu problema hoje é a restrição do meu médico, que acha que eu não posso concorrer. Se ele me liberar... pelo susto que ele me dá... ele diz que eu tenho condições de viver até mais do que os meus adversários gostariam. Desde que levasse uma vida normal, razoável. Um velhinho de 85 anos, fazer uma campanha, correndo, como é o meu estilo, ele acha que eu não resisto.

Renata: O médico, no entanto, não liberou. Simon está com quase 85 anos, completa no final do mandato no Congresso Nacional. Se ele realmente não for candidato, caberá ao partido encontrar outro nome de consenso Ibsen Pinheiro, Germano Rigoto e José Fogaça são alguns dos cotados. De Brasília, Renata Colombo!

21 DE AGOSTO - GAÚCHA REPÓRTER (1'50'')

Renata: Disputas de ego e participação seguem assombrando a nova chapa do PSB à Presidência da República. O coordenador da campanha de Eduardo Campos, Carlos Siqueira, abandonou hoje a aliança, agora liderada por Marina Silva. A saída dele foi confirmada pela manhã durante reunião do PSB com os partidos aliados. Siqueira alega que Marina não representa o legado de Eduardo Campos:

Siqueira (sonora): Eu já disse que não aceito. Não continuarei na coordenação da campanha, porque o meu compromisso é com Eduardo Campos. E acho que ela não representa o legado dele.

Renata: O líder partidário mandou ainda um recado para a coordenadora da Rede Sustentabilidade.

Siqueira: Não se pode querer mandar na instituição. Ela vá mandar na Rede dela!

Renata: Com as mudanças, o deputado licenciado Walter Feldman (PSB-SP), quase que um braço direito da candidata, passa de coordenador adjunto a titular. Esse já era o desejo dela. Nesta quarta-feira, por exemplo, em coletiva de imprensa depois de confirmarem a nova chapa, Marina disse que respeitaria a coordenação de campanha que permanecesse nas mãos do PSB, mas fez questão de Feldman também fizesse parte dos trabalhos do grupo, tanto que ele ficou sentado ao lado dela, do vice, Beto Albuquerque, e do presidente do partido, Roberto Amaral, durante entrevista à imprensa. Nesta sexta-feira, a nova chapa deve ser oficializada e registrada junto ao Tribunal Superior Eleitoral que deu prazo até esta sexta-feira para que isso fosse feito para que o partido e a coligação ainda possam fazer a propaganda eleitoral gratuita e disputar as eleições presidenciais. De Brasília, Renata Colombo.

22 DE AGOSTO - GAÚCHA REPÓRTER (2'03'')

Renata: Com uma arrecadação de mais de 98 bilhões reais, este último mês de julho foi o pior dos últimos quatro anos. Entre os fatores que contribuíram para os resultados negativos, de crescimento de apenas 0,01% no acumulado de 2014, está a Copa do Mundo, como explica o secretário adjunto da receita federal, Luiz Fernando Teixeira Nunes.

Luiz Fernando (sonora): Né, nós temos o comportamento dos indicadores macroeconômicos, que falam de vendas, bens e serviços. Tivemos o menor número de dias úteis no mês de julho em decorrência da organização da Copa do Mundo e nós tivemos também algumas questões relativas à legislação tributária como, por exemplo, as desonerações que continuam impactando a arrecadação quando comparamos com igual período do ano passado.

Renata: Segundo ele, o período do mundial teve menos dias úteis, com isso, o nível de atividade foi menor, gerando menor desempenho das empresas e com isso menor contribuição. Devido aos resultados, a meta de 2% de crescimento em 2014 sobre o

arrecadado em 2013, que já foi até de 3%, será mais uma vez revista em setembro pelos economistas da fazenda. A esperança é o refinanciamento de tributos como explica o secretário.

Luiz Fernando (sonora): O que podemos afirmar é que a Receita Federal conta nesse segundo semestre com ingresso decorrente do Refis, que é um programa de parcelamento do governo federal, que os contribuintes têm prazo para aderir até o próximo dia 25 de agosto e estamos trabalhando com o ingresso de cerca de 18 bilhões de reais esse ano a esse título de Refis. E esse valor, certamente, vai contribuir bastante, positivamente, para a melhoria dos nossos números.

Renata: Segundo o secretário, a nova projeção será inferior a 2%, mas não chegará a índices negativos. De Brasília, Renata Colombo.

26 DE AGOSTO - GAÚCHA REPÓRTER (ENTRADA AO VIVO - 1'49'')

Renata: A partir de agora universidades que quiserem abrir cursos de medicina terão que ajudar na qualificação dos serviços do SUS. Um conjunto de medidas foi publicado no Diário Oficial da União. A secretária de regulação e supervisão da educação do Ministério da Educação, Marta Abramo, explica que as contrapartidas têm como base a lei do programa Mais Médicos.

Marta Abramo (sonora): Essa portaria, a ideia dela é estabelecer que é considerada contrapartida. Quais são as modalidades de contrapartida, mas os critérios vão tá previstos em cada edital, né. Nós estamos, então prevendo soltar o primeiro edital de instituições é no mês de setembro.

Renata: Entre as exigências, está a oferta de outros cursos na área da saúde, como enfermagem, para que a universidade possa qualificar profissionais que compõem a equipe de um posto de saúde, e não apenas o médico. Quanto às contrapartidas, a faculdade que implementar o curso de medicina terá que construir ou reformar as unidades de saúde da rede SUS do município e adquirir equipamentos necessários para que o local cumpra com o atendimento da demanda. A instituição também precisa custear bolsas de residência médica em programas de medicina da família e outras duas especialidades, entre clínica médica, pediatria, cirurgia geral, ginecologia e obstetrícia. Um edital será publicado em setembro e valerá para faculdades localizadas em 49 municípios pré-selecionados. No caso do Rio

Grande do Sul estão na lista São Leopoldo, Erechim, Ijuí e Novo Hamburgo. De Brasília, Renata Colombo.

26 DE AGOSTO - GAÚCHA REPÓRTER (ENTRADA AO VIVO - 1'09")

Renata: O presidente do Tribunal de Contas da União diz que recebeu nesta terça-feira dos advogados da Petrobras documentação referente à doação de bens que Graça Foster fez aos filhos. Os comprovantes haviam sido protocolados na semana passada, na tentativa de desvincular a motivação do ato dela das denúncias de superfaturamento na compra da refinaria de Pasadena, no Texas. O ministro João Augusto Nardes adianta que a transferência dos imóveis da estatal ocorreu depois de abertura de processo no TCU para verificação das contas da empresa.

João Augusto (sonora): O processo começou em março e a autuação foi feita em junho. Portanto, foi posterior. Agora, como eu não sou relator da matéria, o pleno é que vai definir amanhã qual é o tipo de procedimentos que deveremos adotar.

Renata: Nesta quarta, o tribunal deve votar sobre o bloqueio de 700 milhões de dólares em bens de 11 diretores da Petrobras. O governo tentou evitar a votação, mas o relator, ministro José Jorge, garante que não se aposenta sem resolver o processo. De Brasília, Renata Colombo.

ANEXO 05

José Maria Trindade - *Jovem Pan AM*

20 DE AGOSTO - PAN NEWS (1'13'')

Locutor: Vamos a Brasília, José Maria Trindade!

José Maria: É isso, Paulo! Terminou agora a pouco aqui no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados o julgamento do processo de cassação do deputado André Vargas, sem partido do Paraná. Olha, Paulo, resultado aqui no Conselho de Ética: em pleno recesso parlamentar, foi por unanimidade. Doze parlamentares estiveram aqui obtendo quórum mínimo e decidiram aprovar o parecer do deputado Júlio Delgado, do PSB de Minas Gerais, que pede a cassação do mandato de André Vargas por quebra de decoro parlamentar. O deputado Júlio Delgado disse que André Vargas não poderia ter usado o jato particular alugado pelo doleiro preso Alberto Youssef e mais: ele fez uma espécie de lobby para o laboratório Labogen junto ao Ministério da Saúde. Portanto, foi aprovado o pedido de cassação do mandato do deputado André Vargas aqui no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados. A expectativa do presidente Ricardo Izar é que esse relatório seja votado no dia dois de setembro no plenário da Câmara, durante o esforço concentrado. É isso, Paulo.

21 DE AGOSTO - JORNAL DA MANHÃ (2'16'')

Locutor: Vamos chamar de Brasília, José Maria Trindade!

José Maria: Pois não! Olha a troca de acusações sobre o uso eleitoral sobre o uso da CPI da Petrobras no Congresso acaba em bate boca entre deputados no plenário da Comissão. O deputado Rubens Bueno, líder do PPS, disse que a presidente da Petrobras transferiu para parentes imóveis seus para evitar uma devolução de recursos do processo que está no Tribunal de Contas da União. A deputada Irini Lopes, do PT do Espírito Santo, disse que a CPI virou um palanque eleitoral. Ouve debates fortes.

Sonora: discussão entre deputados

José Maria: Pois é, e sobre a convocação da contadora do doleiro Alberto Youssef, Meire Poza, o relator, o deputado Marco Maia, estranhou que ela, como responsável pela movimentação de mais de 70 empresas fantasmas, não tenha sido presa ainda. No pedido de

convocação do esforço concentrado do Congresso Nacional para o dia dois e três de setembro esse requerimento para a convocação da contadora pode ser votado. Foram dois depoimentos no plenário da CPI. Olha, o assessor jurídico Carlos César Borromeu garantiu que apenas analisou juridicamente a compra da refinaria de Pasadena sem decisão.

Carlos César (sonora): A assessoria jurídica não olhava se o negócio era bom ou não. Não, de forma nenhuma, nós não podemos emitir juízos de valor sobre uma operação comercial.

José Maria: Outro depoimento foi do diretor de segurança empresarial Pedro Aramis de Lins Arruda que negou o pagamento de propinas no aluguel de plataformas marítimas pela Petrobras. A CPI comprova através de documentos que a senha do ex-diretor Jorge Zelada foi usada no vazamento de documentos confidenciais. A investigação foi feita pela própria Petrobras. De Brasília, José Maria Trindade.

22 DE AGOSTO - JORNAL DA MANHÃ (53'')

José Maria: O pedido é da oposição, e o vice-presidente da CPI, senador Gim Argelo do PTB aqui do Distrito Federal, aceitou e considera boa a iniciativa de investigar a transferência de imóveis de diretores e ex-diretores da Petrobras para familiares. A avaliação da oposição é de que as doações a parentes visam evitar o bloqueio de bens segundo o processo do Tribunal de Contas da União. A proposta é requisitar dos cartórios do Rio de Janeiro todas as transferências de imóveis dos envolvidos nesta investigação de compra da refinaria de Pasadena. O Tribunal de Contas da União quer a devolução de 800 milhões de dólares.

25 DE AGOSTO - JORNAL DA MANHÃ (1'19'')

Locutor: Você acompanha agora a informação de Brasília, José Maria Trindade!

José Maria: Pois não! Olha, a fila de projetos considerados importantes para as votações do esforço concentrado de setembro cresceu. O presidente da Câmara, deputado Henrique Eduardo Alves, marcou para os dias dois e três de setembro os últimos dias de votações antes das eleições, mas tem dificuldades para definir a pauta. A exigência é de que o decreto do líder do DEM, deputado Mendonça Filho, para anular o ato da presidente Dilma Rousseff sobre a criação dos Conselhos Populares seja a prioridade. Mas três medidas provisórias estão vencidas e correm o risco de perder a validade, inclusive a que flexibiliza o horário da propaganda do governo, a Voz do Brasil. A Lei de Responsabilidade do Esporte e a cassação

do mandato do deputado André Vargas também estão na fila de prioridades. Uma reunião de líderes marcada para a terça-feira da semana que vem vai definir a ordem de votação. O governo não quer acordo para evitar a votação do decreto que anularia o ato da presidente Dilma sobre a política de participação popular. De Brasília, José Maria Trindade.

26 DE AGOSTO - JORNAL DA MANHÃ (1'39'')

Locutor: Brasília, você José Maria Trindade

José Maria: Pois não! Olha, os grupos políticos trocam de papel no Congresso Nacional. Os governistas agora obstruem e a oposição tenta aumentar o quórum. Os líderes do governo tentavam aprovar medidas provisórias vencidas e que correm o risco de perder a validade. Mas olha, a disputa mudou. O presidente da Câmara, deputado Henrique Eduardo Alves, decidiu priorizar a votação do decreto l

Legislativo que tenta anular a decisão da presidente Dilma Rousseff em criar os Conselhos Populares e a política de participação popular no governo. Deputados e senadores dizem que esse é o papel de intermediário do Congresso Nacional. Além desse projeto, que é prioridade para a Câmara, os líderes do PSDB e do DEM tentam antecipar no plenário da CPI o funcionamento para debates e depoimentos. A estratégia é trazer logo para depoimento, o ex-diretor da Petrobras Paulo Roberto da Costa que decidiu entrar em acordo com a Polícia Federal e Ministério Público para a delação premiada. Aí, avalia a oposição, o depoimento seria diferente. A previsão é de que esta será uma semana esvaziada aqui no Congresso Nacional. O esforço concentrado da semana que vem é que pode reunir quórum para votar requerimentos na CPI da Petrobras. De Brasília, José Maria Trindade.

ANEXO 06

Gabriela Speziali – *Itatiaia*

22 DE AGOSTO – JORNAL DA ITATIAIA (1’35’’)

Gabriela: O mal estar entre o PSB e a candidata à Presidência da República Marina Silva se deu depois que o coordenador geral da campanha de Eduardo Campos, Carlos Siqueira, resolveu deixar o posto. Alegando divergências com a ex-senadora. Carlos Siqueira, que é o secretário geral do partido, chegou a mandar um recado para Marina dizendo (abre aspas) ela que vá mandar na Rede dela (fecha aspas) se referindo ao grupo político de Marina, a Rede Sustentabilidade. Carlos Siqueira afirmou ainda que Marina não representa o legado de Eduardo Campos e, por isso, ele não desejava trabalhar com ela. Apesar do desconforto que a decisão de Carlos Siqueira causou, Marina Silva atribuiu o episódio a um mal entendido.

Marina Silva (sonora); Estamos diante de uma situação que tem um mal entendido e que o próprio PSB deve esclarecer porque tínhamos ali todos os dirigentes do PSB quando eu falei que as pessoas que haviam sido indicadas pelo Eduardo, se esse fosse o entendimento de que elas iriam continuar, estavam mantidas.

Gabriela: E o presidente nacional do PSB, Roberto Amaral, disse que o partido deve indicar nas próximas horas um novo coordenador geral para a campanha presidencial de Marina Silva. De Brasília, Gabriela Speziali.

23 DE AGOSTO - JORNAL DA ITATIAIA (1’20’’)

Gabriela: Em meio a denúncias de que a presidente da Petrobras, Maria das Graças Foster, e também o ex-diretor da empresa, Nestor Cerveró, teriam passado imóveis em nome de parentes depois de escândalos dos prejuízos da venda da refinaria de Pasadena, que fica no Texas, Estados Unidos, a estatal divulgou uma nota explicando que encaminhou ao Tribunal de Contas da União todos os documentos referentes à doação de treze imóveis aos filhos de Graça Foster. De acordo com a Petrobras, os documentos que incluem avaliação dos imóveis, verificação do valor dos custos e tributos incidentes, minutas de escrituras e registros imobiliários comprovam que as transações ocorreram dentro da legalidade e tiveram início em junho de 2013. Portanto, antes da determinação do TCU de bloquear os bens de 11 diretores

da Petrobras. Lembrando que a compra da refinaria de Pasadena resultou prejuízos para a Petrobras de aproximadamente 11 milhões de dólares. De Brasília, Gabriela Speziali!

25 DE AGOSTO - JORNAL DA ITATIAIA (3'20'')

Gabriela: A expansão do serviço de internet de quarta geração, 4G, para acesso de smartphone e tablets vai permitir uma inclusão digital ampla no Brasil. A afirmação é Jarbas Valente, que é o vice-presidente da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações). Em setembro, a agência vai realizar um leilão, com o qual pretende sete bilhões e setecentos milhões de reais. Na prática, a tecnologia 4G, que é a sucessora da 3G, tem uma velocidade de conexão que pode ser dez vezes mais rápida, o que permite ao usuário acessar mapas, carregar dados e imagens de forma quase instantânea. Jarbas Valente explica que os municípios com menos de 100 mil habitantes terão internet com mais velocidade

Jarbas (sonora): A grande mudança que vai ter é que nós vamos ter agora uma inclusão digital verdadeira. Principalmente nos municípios com menores do Brasil, aqueles que estão, municípios abaixo de 100 mil habitantes, a população vai poder dispor com esse leilão do serviço de banda larga da ordem de 30/40 megabytes por segundo, em sua casa. Hoje é muito difícil nesses municípios, pequenos do Brasil, ter acesso à tecnologia dessa forma. Além disso, nós estamos massificando o uso da televisão digital no Brasil. Ao digitalizar a televisão, da forma que estamos fazendo, e colocar o setor box, que é inteligente, nós estaremos permitindo interatividade. Então, aquelas pessoas carentes, que não teriam acesso à inclusão digital, vão poder agora com isso, usando a sua televisão de tubo, com esse equipamentozinho, o conversor, pode ter acesso ao mundo da internet. O leilão agora no dia 23 de setembro vão ser entregues as propostas aqui na Anatel, e logo uma semana depois, dia 30, a Anatel abre então propostas para ver qual empresa ofereceu a melhor proposta para cada lote. Qualquer empresa que atua no Brasil ou não vai poder participar do leilão. O que nós fizemos agora foi exatamente deixar claro essas possibilidades, foi uma das discussões com o Tribunal de Contas para que aquele que não opera no Brasil ainda, que é entrante, tenham condições bem distintas daquele que já operam no país.

Gabriela: Este foi Jarbas Valente, que é vice-presidente da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações). De Brasília, Gabriela Speziali.

26 DE AGOSTO - JORNAL DA ITATIAIA (2'08'')

Gabriela: Durante o debate na Comissão de Direitos Humanos do Senado, Luciana Bezerra, que tem um filho de 21 anos, que sofre de epilepsia, explicou como o canabdiol, que é um derivado da maconha usado para fins medicinais, tem contribuído para melhorar a saúde do filho dela.

Luciana (sonora): A gente já enxerga melhoras em Vitor sim. Na forma de atenção dele, ele está mais atento, ele está mais presente na nossa vida. As convulsões já estão mesmo tomando uma dose pequena, e do óleo, ainda não é o extrato, que é o ideal, que a gente não conseguiu importar o extrato, ele já tá diminuindo as crises e a sua intensidade.

Gabriela: Durante o debate conduzido pelo senador Cristovam Buarque, do PDT aqui do Distrito Federal, o neurocientista Renato Lopes, da UnB (Universidade de Brasília) também defendeu o uso da maconha para fins medicinais.

Renato (sonora): Até 1937 não tinha nada de chocante em as pessoas buscar alívio para diversos males, inclusive era usado para tratar delírio tremens, que é a síndrome de abstinência do abuso de álcool. Mas também a epilepsia, dores severas, dores nevrálgicas. Raríssimas são as crianças que têm oportunidade de sobreviver como as crianças que tiveram acesso ao uso do óleo de canábis por causa da gravidade da doença que ela tem.

Gabriela: Entre as vozes contrárias ao debate sobre o uso medicinal e também recreativo da maconha, o senador Fleury, do Democratas de Goiás, fez duras críticas à proposta.

Fleury (sonora): Se maconha fosse bom, nós não estaríamos discutindo isso aqui.

Gabriela: Diante da polêmica, o senador Cristovam Buarque disse que vai apresentar nas próximas semanas um relatório sobre a proposta de regulamentação do uso da maconha apenas para fins medicinais

Cristovam (sonora): Vou separar e preparar um relatório rapidamente no que se refere à parte medicinal e continuar debatendo o assunto do ponto de vista recreativo.

Gabriela: De Brasília, Gabriela Speziali!

27 DE AGOSTO - JORNAL DA ITATIAIA (2'41'')

Gabriela: Depois de denúncias do jornal Folha de São Paulo de que o avião que transportava o ex-candidato à Presidência da República, Eduardo Campos, seria investigado pela Polícia Federal, sob a suspeita de que teria sido comprado com dinheiro de caixa dois, o presidente nacional do PSB, Roberto Amaral, divulgou uma nota explicando que o uso da aeronave foi autorizado pelos empresários João Carlos Lira Pessoa de Melo Filho e também Apolo Santana Vieira. O partido socialista brasileiro informou ainda que a legenda pretendia prestar contas sobre o uso do jato emitindo o recibo eleitoral com o valor total na prestação final de contas que será encaminhada ao tribunal superior eleitoral, quando terminar a campanha presidencial. Já com o balanço final das somas horas voadas. Ainda de acordo com Roberto Amaral, a tragédia que resultou na morte de Eduardo Campos e de seis assessores dele acarretou em dificuldades para o levantamento de todas as informações que são devidas sobre a utilização do avião. Isso por conta das alterações que ocorreram tanto na direção do partido, como na estrutura e no comando da campanha presidencial, que agora tem como candidata a ex-senadora Marina Silva. Já a Polícia Federal divulgou uma nota informando que o inquérito aberto no dia treze, data do acidente, se restringe apenas a apurar as causas da queda do avião. E a Polícia Federal ressaltou que só vai apurar o suposto uso de caixa dois na compra do jato particular se houver uma solicitação ou então autorização da Justiça Federal. Um registro feito na Anac (Agência Nacional de Aviação Civil) apontou que a empresa AF Andrade, que seria a dona do avião, tinha comprado o jato por um arrendamento operacional, que é uma espécie de financiamento. Depois do desastre aéreo, a AF Andrade informou à Anac que tinha repassado o avião para o usineiro de Pernambuco João Carlos de Lira Pessoa de Melo Filho, que era amigo de Eduardo Campos no mês de maio, quando o jato começou a ser usado na campanha presidencial do PSB. De Brasília, Gabriela Speziali!